



O MAIS BELO DOS  
**LEGADOS**



**ANA MARIA CIRINO**

e

**MARCELO ROMANO**

# O MAIS BELO DOS **LEGADOS**

2ª edição  
revisada e ampliada

CAMPINAS  
2026

 Evidência.br  
Design editorial

Copyright © by Ana Maria Cirino, 2026

**Pesquisa e ilustrações**

Ana Maria Cirino

**Redação**

Marcelo Romano

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Cirino, Ana Maria

O mais belo dos legados / Ana Maria Cirino,  
Marcelo Romano. -- 2. ed. -- Campinas, SP :  
EvidenciaBR, 2025.

ISBN 978-65-80929-59-7

1. Romance brasileiro I. Cirino, Ana Maria.

II. Título.

25-311952.0

CDD-B869.3

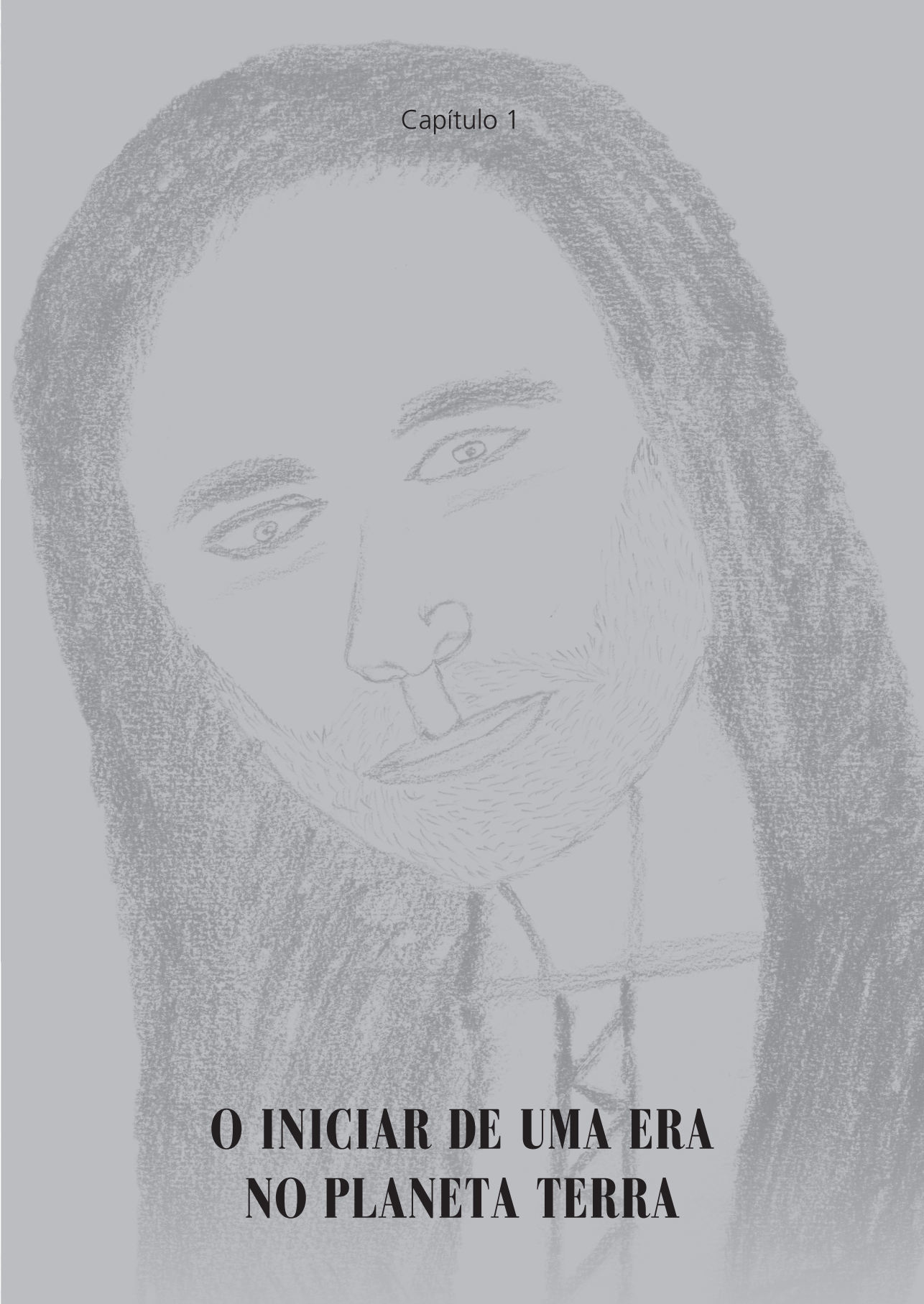
**Índices para catálogo sistemático:**

1. Romances : Literatura brasileira B869.3

 Evidência.br  
Design editorial

[www.evidenciabr.com.br](http://www.evidenciabr.com.br)





Capítulo 1

**O INICIAR DE UMA ERA  
NO PLANETA TERRA**



## 1-1

1/1 Na Galileia de antanho, onde as donzelas se vestiam de branco dos pés à cabeça, permanecendo somente o rosto descoberto, e a vontade do impiedoso Herodes Antipas era cumprida sem hesitação, somos apresentados a uma típica família de hebreus tementes ao Senhor: Joaquim, sua esposa Ana, as graciosas filhas Sara e Maria e o menino Azam.<sup>[1]</sup>

1/2 Transcorria o ano 18 a.C., conforme hodiernamente marcamos o tempo. Uma invasão a Nazaré pelos comandados do tirano estava em curso objetivando aprisionar mulheres para servirem de escravas, em todos os sentidos, ao cruel governante, que buscava se autoafirmar como homem demonstrando aos que o rodeavam e a si mesmo sua condição de másculo.

1/3 Na longínqua época, era costumaz que as capturadas, quando não mais despertassem interesse nos que detinham poder, fossem assassinadas ou, com o intuito de humilhar os de seu sangue, devolvidas ao lugar de origem, em raras oportunidades não mutiladas. Muitos pais, defrontados com a vergonha provocada pela volta da filha, pois teriam uma infratora da Lei maior dentro da moradia, impossibilitados de resgatarem suas rotinas, adotavam atitude drástica, porém natural para períodos de barbárie: eliminavam-nas para recobrem a honra.

1/4 Nessa incursão foi que Sara conheceu José, recém-chegado ao vilarejo. Ela, não divisando a irmã mais nova, que possuía apenas onze aniversários, tomou a corajosa decisão de sair à sua procura. Receava que Maria fosse apreendida e também privada de liberdade. Sua imprudente, mas admirável corrida fez com que se recordasse de momentos amargos pelos quais passara. Em um instante

---

[1] Denominavam **donzelas** as que menstruavam pela vez inicial e não eram prometidas; caso o fossem, classificavam-nas virgens. Até o advento do primeiro sangramento, geralmente em torno dos dez aniversários, quer fossem compromissadas ou não, as meninas eram consideradas puras, e não usavam véus. As demais mulheres se diferenciavam pelas cores do ornamento na cabeça: as donzelas, branco; as virgens, azul; as casadas, marrom, e as viúvas, preto.

Nos pequenos vilarejos, as adúlteras, invariavelmente, eram chacinadas; todavia, nos grandes, nem sempre. As que eram toleradas sujeitavam-se a utilizar mantilhas marrons com faixa preta.

O alvo sinalizador da condição da filha, a mãe é que o disponibilizava; quanto ao que demonstraria ser a garota vinculada, quem o entregava era o pai do obrigado, quando por ele acertado o conúbio, ou o noivo.

de descuido, perdida em sua inquietude para localizar, antes que fosse inapelavelmente tarde, a que veio do mesmo ventre, esbarrou no esbelto hebreu. Ele, apesar da balbúrdia, imediatamente encantado com a beleza da conterrânea, desejoso de saber o que a fazia tão ansiosa, perguntou-lhe:

1/5 - “Por que tanta pressa?”<sup>[2]</sup>

1/6 Aflita, Sara respondeu que os comandados de Herodes Antipas aposavam-se das jovens e que sua irmã estava fora da choça, justo ela, bonita e de parcas colheitas.<sup>[3]</sup> Solícito, José se ofereceu para auxiliá-la.

1/7 Minutos depois, o forasteiro observou um dos soldados acuando uma menina que, assustada, batia insistentemente na madeira que bloqueava o acesso a uma das residências, rogando, em vão, que a abrissem. José não hesitou. Apoderou-se de uma pedra, escalou telhado por telhado até se aproximar do opressor e a atirou. Não o acertou; no entanto, a ação espantou o cavalo do agressor, animal que fugiu em galope desordenado, salvando a perseguida. Descendo para junto dela, se surpreendeu com a espontaneidade da criança, que se pôs a censurá-lo, alegando que a diminuta rocha poderia ter ferido ou mesmo matado o subordinado do rei, o que contrariava as Leis que acreditava serem de Deus.

1/8 Sara, por sua vez, que continuava em busca da irmã, acabou por vê-la junto do varão que, havia pouco, dialogara. A poupada era Maria. Rapidamente, avizinhou-se de ambos, manifestando ao herói gratidão por tê-la encontrado.

1/9 - “É essa a mulher que procuravas? Ela me parece não ter respeito”, replicou José.

1/10 O embaraço da charmosa morena foi visível. Sem saber como proceder, comentou que Maria pronunciava o que pensava e que, independentemente das circunstâncias, agia de forma idêntica.

1/11 E as duas irmãs regressaram ao casebre que habitavam, seguidas pelo migrante. Logo, o trio deparou com o também desesperado pai. Sara, de pronto, noticiou-lhe do ocorrido. Agradecido ao ádvena, Joaquim questionou-lhe quem era.

1/12 - “Sou José, da moradia de Davi.”

1/13 Incontinênti, foi convidado para jantar. No escoar da segunda refeição, chocou-se, e muito, com o tratamento concedido a Sara.<sup>[4]</sup> Indagado, Joaquim revelou que a filha fora subjugada por Antipas durante seis luas.<sup>[5]</sup> Entrementes, o

---

[2] Fomos o mais fiel possível à manifestação verbal dos envolvidos, o porquê, em diversas oportunidades, do desapego não somente quanto à concordância gramatical.

[3] Contavam os anos de vivência pelas **colheitas** do trigo.

[4] A **segunda refeição** do dia era realizada antes de o Sol se pôr.

[5] Computavam uma **lua** sempre que a nova se mostrasse.

que José depreendeu da explanação foi que ela, por quem simpatizara, trabalhara sem paga alguma para o déspota.

1/14 Uma hebreia, após ter sido escravizada, restituída aos seus e não morta, convertia-se, no domicílio ao qual vovera, em figura menor que vassala, o que o estrangeiro ignorava. E o desventurado genitor não homicida era obrigado, perante a coletividade, a andar de cabeça baixa, não recebia cumprimento, além de ser privado do direito de trocar o que produzia. Joaquim, cultivador de melões, padecia humilhações; contudo, não tirou a vivência da filha, mesmo ciente de que, se o fizesse, a sua voltaria ao normal.

1/15 Realmente penhorado a José, o lavrador inquiriu-lhe quanto tempo transcurara desde seu advento. José, afável, respondeu-lhe:

1/16 - “Falo que cheguei neste dia.”

1/17 Almejando ser útil, prosseguiu o anfitrião:

1/18 - “A que família pertences neste lugar?”

1/19 - “Não é do meu conhecimento, mas sei que tenho aqui um aparentado e que ele é carpinteiro.”<sup>[6]</sup>

1/20 - “O carpinteiro deste lugar é Mateus, e sua moradia não fica distante. Depois da ceia, te levarei até ele.”

1/21 Ainda mais interessado, Joaquim persistiu no interrogatório, arguindo-o sobre sua ascendência.

1/22 - “Sou da proteção de Jacó, que foi crucificado logo após minha vinda a este mundo. Nas terras de meu protetor, em Belém, é que me tornei homem, e delas cuidei até serem invadidas pelos comandados de Herodes, há nove luas, quando tiraram a vida daquela que me carregou em seu ventre e ficaram com tudo o que era de meu protetor. Sem ter para onde ir, fui para a moradia de Davi”<sup>[7]</sup>, explicou-se.

1/23 Ainda entristecido pela perda de Salomão, quem supunha ser seu pai, José, que por ocasião do fenecimento da mãe tinha treze anos e oito meses de idade, permaneceu no afamado orfanato para se recuperar do choque por apenas quatro luas, pois o benfeitor somente aceitava assistidos com até quatorze aniversários.

1/24 Situada em Belém, a residência de Davi era local de desvalidos cujos mantenedores, em sua maioria, haviam sido assassinados a mando de Herodes, o grande.<sup>[8]</sup> Tampouco restara aos abandonados bens materiais, visto que herança,

---

[6] **Aparentado:** o da mesma origem.

[7] **Protetor:** pai.

[8] Quando das matanças efetuadas pelos homicidas de Herodes, o grande, as crianças, com rara exclusão, eram poupadas.

quando existia, fora confiscada pelo dominador. O defensor de incontáveis desamparados, chamado de rei por ser bondoso e sábio, possuía, como garantiam os hebreus, o resguardo do Senhor, pois os combatentes do soberano jamais entraram à força em sua habitação, que abrigava, em média, trinta crianças. Os que dela saíam eram identificados como filhos de Davi, honroso qualificativo.

1/25 O benfazejo varão, cômico da linhagem de Ana, inteirado de que um irmão da chacinada, artesão da madeira, fixara-se em Nazaré, instruiu José para que se direcionasse ao povoado e procurasse pelo consanguíneo, do qual desconhecia o antropônimo.

1/26 Agregado a uma caravana de mercadores, demorou o exilado cinco luas para aportar na Galileia.

## 1-2

1/27 Por ignorar os fatos, não pôde José relatar a Joaquim o acontecido quando de seu nascimento. O pai unicamente o vira neonato quando agonizava na cruz. Jacó, seguindo o norteado por quem tinha na mente ser o próprio Senhor, seis dias antes da usurpação de sua propriedade, tomou providências que objetivavam a segurança de sua esposa e do primogênito, prestes a chegar a este orbe.<sup>[9]</sup> Quarenta e oito horas após ser avisado, escondeu-os longe do vilarejo e determinou à companheira, como enunciavam, para que não colocasse no unigênito seu nome, mas sim José, pois seria ele o genitor do aguardado prometido.

1/28 Dado o alerta da aproximação dos guerreiros de Herodes, o grande, informou ao amigo e rabino Salomão sobre a exata posição de Ana, deixando-a sob sua responsabilidade, pois sabia que pereceria.<sup>[10]</sup>

---

[9] Para inumeráveis subjugados, bastava um homem lhe surgir repentinamente e da mesma forma desaparecer para afirmarem ter visto o Senhor.

[10] **Rabino** era o incumbido de passar aos de seu povo as Leis do Senhor recebidas por Moisés, para que elas não se perdessem. Nas sinagogas, exclusivamente do Senhor anunciavam. Salvo desvio de comportamento, não se interessavam pelas moedas de troca ou por qualquer tipo de oferenda. Igualmente aos que conduziam, labutava a terra e, se tivesse filhas, esperava sem revolta até o advento de um varão. Com referência à esposa, mesmo que somente gerasse meninas, nunca a substituiria por outra mulher. Necessariamente, teria que ser descendente, por parte de pai e mãe, de hebreus.

A maioria deles era generoso, merecedor de irrestrita confiança. Mesmo reputado como conselheiro, dirigia-se às mulheres sós apenas quando sua consorte se fizesse presente; desacompanhado, com uma do sexo oposto conversaria se a mesma estivesse com um homem, e se esse permitisse.

Era escolhido pelo de longevidade mais acentuada na comunidade, dado que esse tinha tempo de vivência para saber de seu passado. Entre suas atribuições, a instrução dos meninos, o cuidar das respeitadas construções em que discursava, a leitura dos escritos dos antigos vaticinadores, função não exercida apenas quando seu vilarejo recebia a visita de um considerado profeta.

1/29 Por considerá-lo proveniente do mesmo ventre, Jacó o incumbiu de zelar pelos de sua família e de transmitir seu torrão ao filho, protegido, como se exprimiam, quando esse alcançasse a idade permitida, sem que inferissem quem era ele, confidenciando-lhe que seu rebento seria o pai do ansiado, em grau impensável hodiernamente, redentor.

1/30 Diferentemente dos demais da época, os que trabalhavam com o mantenedor de José não eram escravos, mas uma espécie de meeiros, como conhecemos. Malgrado sempre pagar os impostos, Jacó não era bem visto por Herodes, o grande, pois era dono de extensa área, e com inúmeros combatentes. Foi crucificado por descumprir, havia dilatado período, com armas em punho, as ordens do tetrarca.

1/31 Cerca de treze primaveras depois do óbito do destemido hebreu, um rebelde que se intitulava o libertador da subjugada população, Judá, saqueou Betânia, minúscula urbe erigida não distante, para os padrões atuais, de Jerusalém. Em represália, os asselvajados comandados do ditador destruíram Hiatta, localizada a cinquenta quilômetros de Belém, nas terras de Jacó, aniquilando, igualmente, o aglomerado humano de ex-cativos mutilados pelo déspota que, por consentimento de Salomão, ali viviam.

1/32 Hiatta foi atacada por escolha pessoal do tirano governante, dado que o arabi do povoado e também ancião falecera havia pouco, e seus habitantes estavam desprevenidos, sem quem os orientasse.<sup>[11]</sup> Foram assassinados pós-adolescentes e velhos, quer homens, quer mulheres. José, que tinha o hábito de se ocultar em uma afastada caverna após ser censurado ou ao ficar entristecido, descobriu o episódio quando as poupadas crianças eram conduzidas para a moradia de Davi. Como fora por ele educado, seguiu junto delas.

1/33 Onde se situavam Hiatta e adjacências, por sentenciarem não ter Salomão, que ficara com a gleba por aceitarem ser aparentado de Jacó, nenhum legatário, Herodes, o grande, do lugar apossou-se. José, explanando a seu benfeitor o desejo de reivindicá-la, por, segundo ele mesmo, descender do de mais experiência no vilarejo, foi aconselhado a não o fazer, ocasião em que, então, soube de sua ascendência, pois quem os dominados chamavam de rei se tornara depositário da sigilosa revelação. Convicto de que seu interlocutor encontraria a morte se realizasse o intento, Davi recomendou-lhe que procurasse o irmão da mãe, carpinteiro em Nazaré, na Galileia.

1/34 Os que se inteiraram da manifestação do Senhor a Jacó, conforme asseverara ele, em momento algum a relataram a José.

---

[11] **Ancião:** o mais velho da cidade, a quem buscavam para orientarem-se acerca dos assuntos da vida material, inclusive o rabino. Ditava sobre a melhor semente para plantar, em que época, em quais glebas, etcétera.

**1-3**

1/35 Findada a refeição, Joaquim levou seu comensal até o viúvo Mateus, arrimo de Ezequias e Ananias, que exercia seu ofício dentro da própria residência. Ante a narração do ocorrido em Hiatta e o pedido de amparo, expôs o artifice ao sobrinho não poder ser útil, pois não havia serviço sequer para ele e os seus. Nada adiantou José garantir que, se lhe ensinasse a profissão, aprenderia depressa. Na realidade, o tio pouco se condoera com a circunstância. Para ele, o gerado por Ana não possuía calos nas mãos, indício inequívoco de que não labutava, nem barba, sinal de respeito entre os hebreus. O que ignorava eram os fundamentos para predicados que sentenciou negativos: carecia ao do mesmo sangue o espessamento da pele porque auxiliava na administração das terras de Jacó, como era conhecida em Belém a imensa propriedade; quanto ao rosto sem pelos, a causa determinante é que o jovem continuava de luto pelo decesso da genitora. No entanto, convidou-o para com ele morar, dando-lhe a tarefa de empilhar a madeira.

1/36 A festa pela colheita da uva, programada para o dia ulterior à invasão de Nazaré, não foi postergada. Solteiro, José dela participou, junto dos primos, espreitando a formosura de Sara, olhos verdes, raros em priscos tempos, bronzeada pelo Sol, cabelos negros e compridos, que isolada permanecia. Não abrangeu o motivo da fascinante morena se conservar afastada das desimpedidas que haviam menstruado pela vez inicial. Na sua mente, ela não era compromissada; porém, mesmo que fosse, amassaria o fruto da videira.<sup>[12]</sup> Não atinando explicação para o fato, e como sua musa não cobria a cabeça com ornamento algum, conjecturou que poderia ser companheira de um não-hebreu, dado que bonita mulher teria sido jurada ao nascer.<sup>[13]</sup> Ansioso, não aguardou que a oportunidade surgisse para que o assunto se aclarasse e a Ezequias questionou se a filha de Joaquim se matrimoniara, sendo-lhe noticiado que não.

1/37 Durante a maceração, os rapazes flertavam com as garotas à distância. O arabi, que com desvelo vigiava o curso do ritual, não autorizava que avançassem a marca que estabelecera. Ao serem os moços liberados para se avizinhamem a fim de conversar, visto que dentre elas poderia estar a futura esposa, mantendo-se, contudo, a passos largos, José, pelas fitadas aceitas, foi ter com Sara. Ao se aproximar, inexperiente como galanteador, inquiriu:

1/38 - “Se não és comprometida e és tão bela, por que não estás entre as donzelas?”

[12] O **fruto da videira** era pisado pelas donzelas e virgens não menstruadas. As que estivessem, ficavam em suas residências, pois as classificavam impuras.

[13] Algumas que se nupciavam com homens de outros povos não utilizavam véus, dado que, principalmente os egípcios, não possuíam semelhante costume.

1/39 Cabisbaixa, a pretendida se retirou, nada respondendo, ato que originou incompreensão no interessado.

1/40 Após ter sido sequestrada e regressado ao lar, a primeira dos da prole de Ana não usou véu de nenhuma cor. Encontrou ela em seu protetor um porto seguro. O sisudo varão, não se valendo do costume dos de sua gente, não a matou. Em seu entender, contrariaria as Leis do Senhor, além de ter a certeza de que, em virtude dos deslumbrantes encantos da filha, alguém simpatizaria com ela.

1/41 Não alcançando o significado de Sara ter sido escravizada por Antipas ao longo de seis luas, o herdeiro de Jacó não abarcou o porquê de ela não compartilhar da alegre atividade, tampouco a razão de quando não sozinha se postar junto das vinculadas.

1/42 A mais velha de Joaquim recebera o nome de uma das tias, irmã da mãe, que morrera sob o jugo de Herodes Arquelau quando esse estivera na embrionária Cérculis, no ano de 45 a.C., para a construção de um arsenal.<sup>[14]</sup>

1/43 Ao retornar ao casebre de seu parentado, José o interrogou acerca do que adviera a Sara, pois ela se conservara apartada das demais varoas. Mateus, lacônico e incisivo, posicionou-se:

1/44 - “Falo para perguntares a Joaquim.”

1/45 No dia seguinte, decidido a esclarecer-se junto ao possível sogro sobre o que efetivamente ocorrera, por ele procurou. Esse, fazendo-se de ríspido, indagou-lhe se estaria enamorado da filha.

1/46 - “Ela é uma bela mulher”, balbuciou o legatário de Jacó.

1/47 Ante a expressa declaração, foram-lhe dadas informações adicionais concernentes ao sucedido com Sara, não obstante a omissão de importantes detalhes.

1/48 As horas transcursaram sem novidades. Por não ter ocupação definida, José foi mercadejar os melões que Joaquim cultivava. Em consequência, mais assiduamente frequentou a habitação de Sara. Pôde, então, observar o cotidiano da jovem, e não ficou satisfeito em ver que, chegando visita, ela tinha que se recolher ou até mesmo ir para junto dos animais. Nessas oportunidades, a hebreia

---

[14] Conservou-se Arquelau na Galileia durante a edificação. Sentindo-se solitário, ordenou a três de seus comandados que se dirigissem aos vilarejos limítrofes e lhe trouxessem a mais bela das hebreias da região. Deveria ela se parecer com a fresca do alvorecer.

Na manhã ulterior, os asselvajados localizaram quatro jovens à beira de um poço. Ao constatarem entre elas uma de cabelos compridos e dentes perfeitos que, cada vez que sorria, deixava mais bonita à sua volta, capturaram-na.

Foi Sara agrilhoada pelo mais velho dos filhos de Herodes, o grande, permanecendo com vivência somente até o término da obra.

não possuía o regalo de se manifestar, nem mesmo a um dos de sua linhagem. Cansado de constatar tamanha humilhação e sofrimento, questionou o mantenedor da apaixonante morena:

1/49 - “Não podes fazer nada para mudar a vida de tua protegida?”

1/50 Percebendo as furtivas intenções de seu colocutor, Joaquim foi extremamente manhoso:

1/51 - “Ainda não sabes de tudo o que aconteceu com Sara. Vou te falar, e depois pode ser que não queiras mais vir a esta moradia, como todos.”

1/52 Acrescentando ao que anteriormente expusera, confidenciou que apenas as duas meninas eram suas filhas. Azam era fruto do ventre de sua mais velha com Antipas. Afirmou que sua honra estava na lama, pois tinha sob o teto uma que fora deslustrada, e mais, que trouxera o sangue dos Herodes para sua descendência. Em tom lamuriante e prevendo a atitude de José, glosou que de duas maneiras recobriria a consideração alheia: se negociasse um marido para Sara, ou se a matasse, juntamente com o garoto. Realçou que, sobrevivendo uma das duas hipóteses, o motivo de seu aviltamento seria eliminado; todavia, salientou com firmeza que jamais exterminaria uma vida humana, preferindo andar com a cabeça baixa e não ser saudado por amigos. Finalizando, enfatizou:

1/53 - “Creio que o Senhor não me deu o direito de tirar a vida de uma só pessoa. Se estou a pecar, o Senhor me julgará, não aqueles que são de minha gente.”

1/54 Diante do explanado, a José não restou outra postura, a despeito de realmente se sentir atraído pela infamada, apesar do nascente interesse por Maria, deveras graciosa em seus onze aniversários:

1/55 - “Se permitires, pedirei àquele que veio primeiro em minha família que peça Sara em união e serei o protetor de Azam.”<sup>[15]</sup>

1/56 O mais que exultante Joaquim foi categórico:

1/57 - “Tens minha permissão.”

1/58 Em uma da manhãs seguintes, quando o unigênito de Jacó comerciava melões na praça de Nazaré, os comandados de Antipas, sempre cruentos, fizeram-se presentes. Destruíram o que encontraram à frente e confiscaram o que se trocava. O desagradável episódio, aliado a ter que pagar os impostos sobre os produtos perdidos, causou-lhe profunda revolta.

1/59 Entre os que não concordavam com a situação reinante, Judá e seus seguidores se destacavam. Ao ser um vilarejo atacado pelos opressores, ele surgia

---

[15] **União:** matrimônio.

e conclamava o levante. Para chamar a atenção dos da comunidade, tocava uma espécie de corneta com som berrante e encetava seu discurso, invariavelmente, rogando ao Senhor, porque sabia da fé dos subjugados Nele.

1/60 Em Nazaré não foi diferente. Depois da retirada dos representantes do déspota, eis que aportou o agitador. Subindo em uma pedra, discorreu com verborragia, avidamente escutado por José:

1/61 - “Povo de Israel, até quando continuareis a ser escravos dos césares e dos Herodes? Até quando sereis escravos de vós mesmos? Não vos respeitais: orais ao Senhor e obedeceis aos césares, falsos deuses. Fazeis com que eles tenham nos seus interiores que são do Senhor. Vos pergunto: por que o Senhor iria mandar Seu prometido, se não vos ajudais? Por que o Senhor irá vos ajudar, se não vos ajudais? Como o povo eleito do Senhor, não deveis ficar a ser escravos dos Herodes e dos césares.”

1/62 Ao narrar ao futuro sogro o sucedido, José descobriu ser ele contrário à oposição que Judá pregava. Contudo, insubmisso, decretou que era preciso resistir aos dominadores. Cordato, Joaquim o orientou, atestando que o Senhor não desejava violência, que necessitavam ter paciência e tolerância, porque quando as praticassem é que o redentor viria. O gerado por Ana, cada vez mais inconformado, replicou que sua mãe o ensinara a se resignar, especificando o que lhe coubera: inicialmente trucidaram seu pai; depois, a que lhe dera a vida.

1/63 Desiludido com a conjuntura política imperante, José buscou por Judá, o mesmo que, ao saquear Betânia, proporcionara o pretexto para Hiatta ser arrastada, fato do qual jamais se inteirou; porém, quem a seu ver defendia os hebreus, nada mais era que o líder de uma súcia de ladrões, que roubava sem distinção, quer fossem soldados, quer coletores dos tributos, quer caravaneiros desprevenidos. Acreditando que o sedicioso ambicionava o bem dos de sua gente, ofereceu-se para gladiar ao seu lado, mas não foi admitido. Divulgou-lhe o pseudorrebelde:

1/64 - “Como queres te juntar a mim, se pareces um homem de poder? Não gosto daqueles que não têm barba. Falo que te conheço e que te procurarei.”

1/65 Judá também ignorava o passado do ainda classificado como forasteiro, de aspecto requintado, não possuidor de pelos no rosto por permanecer de luto.<sup>[16]</sup>

1/66 Preparando-se para ir com Mateus pedir Sara em matrimônio a Joaquim, José treinava, tentando decorar os antropônimos dos de sua estirpe, não somente para se lembrar, mas porque era o costume. O tio, ao vê-lo ensaiar, aconselhou-o:

---

[16] O período de **luto** era estabelecido pelo tempo em que a dor se fizesse presente.

1/67 - “Fala dos quais descendes com humildade, pois os humilhados serão exaltados, e os que se exaltam serão humilhados. Deixa que a minha pessoa fale primeiro com Joaquim.”

1/68 A esse, o carpinteiro de Nazaré explicitou que destinara uma fração de terra para o sobrinho edificar sua própria moradia, o progresso que ele fazia como aprendiz de seu ofício, atividade que lhe ensinava depois de findado o mercadejo, e os sentimentos dele pela graciosa morena.

1/69 Ao chegar o momento propício, o nubente certificou, por ordem, de quem provinha:

1/70 - “Sou José, da proteção de Jacó, que era da proteção de Natan, que era proteção de Matuzalém, que era da proteção de Enó, que era da proteção de Jared, que era da proteção de Malaleu, que era da proteção de Cainam, que era da proteção de Sete, e todos vieram do Senhor.”

1/71 Após o aceite, a, então, compromissada com José, secundou-o até a saída. Ouviu do venturo companheiro que, no dia anterior, Judá o convocara para estar junto dele e que, caso fosse convidado para contender, integraria-se ao grupo.

1/72 - “Com as lanças que temos em nosso poder, venceremos os comandos de Herodes Antipas”, prosseguiu.

1/73 Sara recordou-lhe o acontecido em Cérculis, ocasião em que os truculentos assalariados, que sustentavam o tirano com armas em punho, haviam crucificado inúmeros indivíduos. Todavia, com sede de vingança, insistiu ele que procuraria pelo varão que os libertaria do jugo dos assassinos governantes. Ela, sensata, chamou-lhe à razão:

1/74 - “Por que essa luta? Não entendes que Judá está a pecar?”

1/75 - “O Senhor só vai ajudar as nossas pessoas quando formos fortes”, retrucou o teimoso José, ainda endurecido.

1/76 - “Tirar vidas e o que não nos pertence vai nos tornar fortes? Não entendes que o Senhor só irá ajudar as nossas pessoas quando formos melhores que os Herodes? Sentes que o Senhor quer que violemos as Suas Leis?”

1/77 - “Falo que alguns daqueles que são hebreus estão a simular não saber o que o Senhor quer de cada um.”

1/78 Pacata e consciente de que seu interlocutor fazia um favor a Joaquim ligando-se a ela, avivando na mente as Leis Mosaicas que conhecia, indagou:

1/79 - “O que os escritos falam não têm validade? E o que falam os profetas, ou Eli?”

1/80 Ela mesma respondeu:

1/81 - “Falamos para buscarmos o amor, a paz; para buscarmos gostar daqueles que são de nossa gente.”

1/82 Inflexível, José, distorcendo a aceção do articulado pelo estimado rabino, encerrou a conversa:

1/83 - “Sabes o que Eli falou?”<sup>[17]</sup>

1/84 Determinado, anunciou:

1/85 - “Eli falou a todos que se aqueles que são hebreus não forem por aqueles que são hebreus, nem um outro povo será por aqueles que são hebreus.”

1/86 Deseducadamente, proferiu seca despedida à futura consorte, retirando-se sem delonga:

1/87 - “Tenho que ir.”

1/88 Pelo hábito vigente, as celebrações eram efetivadas após a ceifa do trigo; porém, no dia seguinte ao pleito, em virtude do ocorrido com a noiva, o enlace foi concretizado. Com o matrimônio, o sogro, agradecido ao Senhor, recuperou o respeito alheio. A cerimônia, como as demais, realizou-se à beira do lago. O ritual foi inaugurado com as palavras do arabi local, que, indicando o unigênito de Jacó, apregoou:

1/89 - “José, da moradia de Davi, que faz parte da família de Israel, quer se unir com Sara, da proteção de Joaquim, e construir sua moradia entre aqueles que são de sua gente.”

1/90 Sem detença, despiu da nubente o lenço azul que usava desde instantes após o consentimento ao pedido de Mateus e o entregou ao quase marido.<sup>[18]</sup> Esse, incontínuo, colocou na cabeça dela o de cor marrom. Estavam casados.

1/91 Uma semana depois, José foi ter com Judá, desconhecendo que a cónyuge aguardava um rebento, apesar de outra gravidez ser de altíssimo risco, em consequência de o advento de Azam ter sido causa de atroz sofrimento. Quando o menino internou-se neste orbe, a desamparada mãe vivia longe dos seus, secundada apenas por uma mulher que, por igualmente ter sido escravizada, habitava um antigo sepulcro. No escuro ambiente foi que deu à luz, fazendo muita força, acabando com o útero deslocado.<sup>[19]</sup>

---

[17] **Profetas:** os que anunciavam prever o futuro, e ele sobreviesse.

**Eli:** rabino nascido em Nazaré que ensinou as Leis do Senhor pela Galileia. Ficou bastante popular entre os dominados, que nele confiavam. Era, segundo muitos, um homem que pronunciava palavras de sabedoria, um exemplo a ser adotado.

[18] Ao ficar compromissada de José, Sara imediatamente usou o **lenço azul**, somente retirado no momento do ritual de desposamento.

[19] Quando de um parto, se houvesse **deslocamento de útero** e a mulher morresse, apregoavam que as colheitas dela passariam para o filho. A crença imperante era a de que ele seria de imensa sapiência, um erudito, independentemente

1/92 Aportando no esconderijo do insurgente para com ele confabular, o candidato a também sê-lo foi interpelado se combateria os Herodes e o César.

1/93 - “Seguirei com a tua pessoa. Se a minha tiver protegidos, não quero que eles lutem por um pedaço de pão.”

1/94 Judá explicitou como atuava, afirmando que não era saqueador, mas defensor dos de seu povo. Ao espoliar dos Herodes os tributos arrecadados, não os restituía a quem haviam exigido porque os tiranos governantes mandariam novamente seus comandados cobrá-los, e em dobro. Difundiu, ainda, que era o amor à esposa, Rebeca, e aos dois filhos que o fazia continuar a árdua batalha contra os dominadores.

1/95 - “Não quero que os meus protegidos tenham que lutar por sua liberdade”, confidenciou o gerado por Ana, que atentamente o escutava.

1/96 Aproveitando-se dos sinceros vocábulos, o astucioso marginal incitou-o:

1/97 - “É por nossos protegidos que devemos lutar, mas, se tivermos que lutar para a chegada do prometido pelo Senhor, devemos estar prontos para sacrificar nossos protegidos.”

1/98 Após um quadrimestre, José, integrado ao bando, retornou a Nazaré. Joaquim explanou-lhe seu sentimento:

1/99 - “Estou muito grato por haveres me devolvido a honra, mas te falo para que leves os teus para Jerusalém. Tua companheira não deve ficar neste lugar. Toda vez que aqueles que são de nossa gente encontram Azam, ameaçam atirar pedras nele. Falam que Azam será tão mau quanto aqueles que são da proteção de Herodes Antipas.”

1/100 Com Sara entrando no quinto mês de gestação, além do enteado, o unigênito de Jacó acatou, a contragosto, a recomendação e transferiu seu domicílio para Belém, cidade com a qual estava familiarizado. Conferenciando com a consorte, almejando preservar o inicial fruto de seu ventre, que tinha um aniversário a mais que Maria, asseverou:

1/101 - “Se um daqueles que são de nossa gente vier de Nazaré, saberá que Azam tem o sangue de Herodes Antipas. Sei que Azam será conhecido, mesmo que mude com a chegada das colheitas.”

1/102 Orientou-a, então, a chamá-lo Simeão José e, caso alguém perguntasse, informariam que ele era o primogênito do casal.

---

do sexo, pois a vivência da mãe ao gerado seria transferida, ou seja, os anos que ela possuísse seriam acrescidos aos que completasse a criança.

Excepcionalmente nasciam meninas, pois o tamanho das mesmas não exigia das genitoras, no instante da expulsão do feto, que fizessem força em demasia para trazê-las à vida de carne.

1/103 Por atribuir ao padraço predicados de um autêntico mantenedor, o concebido por Sara muito o amou. Quanto à denominação lhe imposta, adotou-a para o resto de sua vivência.

## 1-4

1/104 Herodes, o grande, que muitos dos hebreus articulavam Mamom quando a ele se referiam sem pronunciarem seu odiado antropônimo, privatamente dividiu seu império no ano de 32 a.C., oficializando-o em 30 a.C.. Foi uma cisão apenas territorial, pois a totalidade das Leis prosseguiram sendo emanadas por ele. Seus filhos, também qualificados reis e possuidores do afamado Herodes como primeiro nome, administrariam as províncias com as diretrizes por ele editadas. Dos recursos angariados, substancial parcela, sem detença, seria remetida ao poder central.

1/105 Antes de a separação ser evidenciada, Antipas determinou ao genitor que lhe fosse designada a Judeia, necessitando o bárbaro ditador adverti-lo de que o renegaria como um Herodes caso insistisse com o pleito. Somente pelos intimidadores termos, para não ficar sem nada, foi que o não menos perverso filho acolheu a resolução. Contudo, durante meses percorreu a Samaria, a Galileia e a Pereia para, segundo o que divulgava entre os seus, escolher com qual ficaria, até que o soberano incontestavelmente deliberou. Foi ele claríssimo: quem não abrigasse sua vontade ficaria sem porção alguma.

1/106 A Judeia, por ser o mais rico e importante torrão da tetrarquia, continuou sob a autoridade absoluta de Herodes, o grande. A Samaria, formada por povos de origens diferentes, cada um com sua própria Lei, coube a Arquelau, o mais velho, em quem o pai depositava a certeza de que contornaria as dificuldades, visto ser mais calmo, sábio e paciente que os irmãos. Filipo foi contemplado com a Galileia, e a Pereia, ao contrário do que Antipas propagandeava, ficou com Agripa.

1/107 Atrasado mentalmente e considerado o caçula, Agripa era, na verdade, concomitantemente, filho e neto de Mamom. Herodites, a mãe do abobalhado, descendia diretamente do tirano governante com outra cativa, igualmente chamada Herodites.<sup>[20]</sup>

1/108 Por temer que Agripa fosse deixado a vagar como mendigo se o confiasse a Antipas, Herodes, o grande, instituiu Arquelau para gerenciar sua parte.

---

[20] As escravas de Herodes, o grande, não possuíam nomes. Ao atraírem o interesse de seu dono, eram denominadas **Herodites**.

Quanto ao que antecipadamente se autoproclamava dono da Pereia, ordenou que secundasse o gêmeo, Filipo, que para a Galileia rumaria.

1/109 Nascido em de 45 a.C., após Filipo, Antipas, por não se aceitar homossexual, portava-se quase como um irracional, razão peremptória do repar-timento efetuado pelo genitor. Esse, também receoso das ambições por poder e fortuna demonstradas pelo filho desde as oito primaveras, usou como pretexto não conseguir sustentar seus gastos e o enviou à distante província, para que ficasse o mais longe possível e nela constituísse sua própria fortuna.

1/110 Filipo assumiria seu quinhão em 29 a.C.. Porém, foi encaminhado para a região logo depois de concretizada a partilha, pois Antipas, cada vez mais violento, agrediu fisicamente o arrimo em uma das constantes discussões que travavam.

1/111 Em um dos primeiros deslocamentos que os dídimos, sempre coadju-vados por ampla comitiva, fizeram para a Galileia, Antipas subjugou e engravidou Sara, irmã de Maria. Não mais servindo para seus propósitos, sentenciou que fosse ela afugentada de Cérculis, o que fez com que a jovem regressasse à Nazaré.

1/112 Antipas, em sua juventude, já revelava a enorme crueldade que o do-minava. Com indisfarçável prazer, torturava as privadas de liberdade retidas sob o mesmo teto, chegando a praticar sacrifício humano com os gerados pelas varoas que se harmonizavam consigo mesmas. Apesar de efeminado, teve um protegido, reputado ilegítimo, que recebeu seu antropônimo e muito lutou pelo espólio do avô, no que não foi exitoso.

1/113 Não tão malevolente quanto o irmão, Filipo muito o aconselhava. Aca-tou, sem rebeldia, sua presença, porque lhe fora estatuído. O alcunhado Mamom acreditou, erroneamente, que ele amenizaria o comportamento e o caráter re-voltoso de Antipas. Logo no início do reinado, o que aportou neste orbe mo-mentos antes de quem o acompanhou na gestação, para seu pseudoimediato, que patenteava irrefreado despotismo, perdeu o comando das decisões.

1/114 O território dos vindos na mesma prenhez não possuía nada de ex-traordinário, exceto um velho arsenal, rodeado de pouquíssimos tugúrios. O fato causou em Antipas profundo desespero, pois a sua parcela da tetrarquia não produziria abastança. Inteligente como era, sugeriu ao pai uma Lei que, por igualmente beneficiá-lo, foi promulgada em 23 a.C.. Ficou ela por nós conhecida como a das Viúvas.

1/115 Pelo estabelecido, os escribas é que cuidariam dos bens das infelizes cujos maridos finaram se os eventuais descendentes não reunissem as condições, conforme expressa determinação, de administrá-los.<sup>[21]</sup> O patrimônio tomado, se

---

[21] **Escribas:** hebreus ou não que, por salário, escreviam não somente o que os Herodes chamavam de Lei; também as copiavam em vários outros cursos.

fosse devolvido, somente o seria pela metade. Rotineiramente, todavia, apenas um décimo era destinado aos legatários, e sobre ele incidiam os extorsionários tributos.

1/116 Declarava a execrada Lei: se a esposa do fenecido não possuísse filho homem, a riqueza amealhada, na totalidade, seria confiscada e ela expulsa da propriedade; se tivesse partejado um rebento másculo e sua idade suplantasse os dezesseis aniversários, ele se tornava herdeiro e responsável pela genitora, no entanto, se fosse ele menor que a quantidade de colheitas fixada, os escribas geririam o monte mor e o restituíriam quando atingida a faixa etária exigida ou sucedesse seu casamento, subtraindo cinquenta por cento; se a desditosa consorte fora brindada com um genro, ficaria até o término de seu estágio nesta morada ao desvelo dele, e os ativos, independente da abundância, expropriados. Caso não ocorresse matrimônio com uma das filhas, também era enxotada.

1/117 Em virtude da ignominiosa publicação, as desconsoladas hebreias sem um da prole do sexo masculino ou de genro, acabavam na miséria, e as meninas originadas em seus ventres dificilmente não se obrigavam à prostituição envilecedora.

1/118 Com o tempo, o decretado passou a ser empregado abusivamente. Era suficiente um dominado não ter um sucessor para que a cobiça a suas posses materiais, por parte dos Herodes e dos escribas, manifestasse-se. Em consequência, quase que invariavelmente sucumbia.

1/119 Antipas, que principiara, em 27 a.C., a remodelação de Cérculis, anelando mais recursos e não tendo como obtê-los, incrementou o surgimento de viúvas. Qualquer motivo levava ao passamento os chefes de família. Por emitir opinião contrária à dos subjugadores ou simplesmente anunciar não ter como pagar os impostos, a condenação à pena capital era certa. Filipo, não concordando com a ação, asseverou ao irmão que a comunicaria ao pai; contudo, um dia antes de partir, encontraram-no morto. Antipas espalhou a versão de que ele deixara a vida possuído pela peste negra, pois, quando dela se morria, ficava-se com manchas roxas pelo corpo.

1/120 Como anestésico, valiam-se da combinação, em doses pequenas, do fruto da mandrágora com o olíbano e a ministravam com vinho ou outra bebida.<sup>[22]</sup> Em medidas maiores, a mistura paralisava o indivíduo. Foi o que Antipas, em porção exagerada, forneceu ao irmão. Após saborear o vinho, Filipo adormeceu densamente e despertou com fortes dores logo abaixo do umbigo; com a pressão sanguínea acelerada, veio a falecer. Seu corpo ficou coberto de nódoas arroxeadas, como as que aparecem quando de infarto.

---

[22] **Mandrágora:** planta rasteira, de fruto amarelado quando maduro, fartamente colhido no território.

1/121 O olíbano, também usado para defumar os Templos, vinha do extremo sul da Arábia, e somente um pecunioso poderia comprá-lo, pois, além de ser de alto custo, tinha que ser previamente encomendado aos mercadores.<sup>[23]</sup>

1/122 Já Agripa, pereceu primeiramente que seu mantenedor. Um de seus filhos, de idêntico nome ao tio desencarnado na Galileia, substituiu-o no governo da Pereia. Findado o avô, em 8 a.C., quando contava setenta e cinco primaveras, recebeu a Judeia. A Samaria ficou sob sua autoridade com o óbito de Arquelau, em 12 d.C.. Exilado Antipas, no encetar o ano 15 de nossa era, Herodes Filipo constituiu-se dirigente absoluto do território, adotando, em homenagem ao genitor, a denominação Herodes Agripa. Reinou até 44 d.C..

## 1-4.1

1/123 Cérculis, a povoação de realce então existente na Galileia, ao ser concluída, em 20 a.C., totalizava setecentos e vinte habitantes. O período fértil de sua edificação, que durou por volta de uma década, foi causa de sofrimento ainda mais contundente para os da província.

1/124 A basilar urbe da antiga Galileia situava-se a cerca de \_\_\_\_\_, extensão vencida pelos caminheiros da época em aproximadamente \_\_\_\_\_.<sup>[24]</sup> Seus escombros encontram-se perto de cento e cinquenta metros \_\_\_\_\_, minúsculo lugarejo de outrora, local que proporcionava estratégica visão da região, o que facultava aos seus defensores observarem o avizinhamento dos inimigos.

1/125 Os da tetrarquia acreditavam que Filipo e Antipas, quando chegaram, transformariam o velho arsenal, erigido em 45 a.C., em um magnífico palácio. Destoando do que imaginavam, modificaram-no para uma verdadeira fortaleza de guerra e de treinamento para seus asselvajados comandados, sendo que o paço real foi instalado no lado oposto.

1/126 Possuía Cérculis duas ruas principais. Na franqueada aos do plebe, onde os agricultores dos vilarejos e aglomerados humanos adjacentes faziam seus negócios, uma série de colunas se destacava. O espaço entre elas é irregular, distando de dois a dois metros e cinquenta uma da outra, área em que os lavradores expunham os alimentos que ceifavam ou as peles de alimárias que curtiavam. A

[23] Na tetrarquia, inúmeros **Templos** existiam, e o mais importante era o de Jerusalém.

[24] Nos dias de hoje, a mesma distância é percorrida \_\_\_\_\_. Os desprovidos de recursos locomoviam-se descalços, o que lhes causava profundos ferimentos nos pés; os que possuíam condições materiais andavam com sandálias muito frágeis, feitas com derma de carneiro. Mesmo que sobrepussem duas ou três, elas furavam com facilidade.

outra era utilizada como passadouro por Antipas e comitiva, bem como por seus correligionários e combatentes.

1/127 Inúmeros lagos artificiais foram arquitetados em Cérculis com o objetivo de servirem à purificação dos poderosos. O ritual, invariavelmente remunerado, era de exclusiva chefia dos sacerdotes, que não permitiam aos moradores aproximar-se dos reservatórios.<sup>[25]</sup> A desobediência redundava em imediato feticimento.

1/128 Com raras exceções, os clérigos enriqueciam, contrariando as Leis do Senhor, como afirmavam muitos dos hebreus, que cada vez mais se transmudavam em paupérrimos e famintos. Os miseráveis se interrogavam qual a fonte provedora das moedas, pois muitos dos presbíteros não eram de famílias com autoridade. Os tementes ao Senhor não entendiam a conjuntura como justa e mais oravam pela vinda de Seu prometido.

1/129 Ante os de Cérculis em tal grau afortunados e os demais da população assaz necessitados, Judá, sempre Judá, que divulgava lutar pelos de sua gente escravizados, invadiu e saqueou o arsenal e o palacete real, municiado por informações obtidas de Bruno e Galineu, dois dos homens de Roma, conforme se referiam aos forasteiros soldados. A gananciosa dupla vislumbrou a oportunidade de se apropriar do que o intimidador tirano mais valorava: seus tesouros. Além da pilhagem a ambos os recintos, o rebelde e os de seu bando, que na ocasião pos-

---

[25] **Sacerdotes:** os depositários do poder religioso entre os hebreus. Sua principal função consistia em fazer serem honradas as Leis de Moisés e as emanadas pelos do Templo de Jerusalém. Como tarefa acessória, liam as profecias e as Leis, além de arrecadarem as dádivas. Aos sediados na suntuosa, para a época, edificação, também cabia escolher os que nela ingressariam. Esses clérigos, para os do povo, apenas executavam as vontades do Senhor, eram Seus mensageiros, dado que Ele próprio é que indicava aos austeros varões os felizardos.

Pela confiança que dedicavam ao Senhor, os subjugados, implicitamente, eram cativos dos decididores no afamado Templo, onde acreditavam que Ele residia.

Os presbíteros, que asseguravam aos de suas gente que quem Lhe desobedecesse teria os herdeiros castigados pelos seus pecados, tinham que ser hebreus ou ter sangue hebreu na família; entretentes, os falsos guias aceitavam qualquer um de outro país desde que fossem contemplados com substanciosa quantia do vil metal.

Os meninos, para se iniciarem na profissão, teriam que ser entregues nos Templos com no máximo cinco aniversários, para que tivessem sua instrução acompanhada, pois não teriam os costumes e vícios dos genitores, podendo ser educados conforme o que preceituavam os doutos. Esses, para descobrir a idade dos candidatos, tinham uma maneira peculiar: valiam-se de pedaços predeterminados de madeira, pelos quais concluíam quantas colheitas possuíam. A partir de então, o pai não mais teria direito algum sobre o filho. Os aprovados, depois de catequizados, eram dispostos nos vilarejos, habitualmente de quatro em quatro, para empenharem-se em que as Leis enviadas pelo Senhor e as do Templo de Jerusalém fossem cumpridas.

Pela escassez de homens cultos, ou que pelo menos soubessem escrever, os religiosos, com raras exceções, exerciam, mediante remuneração, a atividade de escriba. Por mais absurdos que fossem os proclamas dos Herodes, passavam-nos para as preparadas pelas dos irracionais. Quem não agisse consoante regra não marcada, deixaria de ser da vantajosa casta sacerdotal. Aos renitentes, era-lhes afirmado que, em virtude de sua negativa, os dos Templos perderiam as moedas de trocas, animais e demais ofertas do povo, que seriam confiscados pelos romanos. A maioria deles se permitia ser dirigidos porque gostava do que auferia com a inexperiência dos conduzidos que, como nós, estagiavam longe da etapa de se orientarem pela fé raciocinada.

suía sessenta integrantes, atearam fogo em diversos imóveis de poderosos ligados a Antipas. Uma noite de destruição causou profunda fúria ao cruel governante e muitas luas de sofrimento atroz aos habitantes da Galileia. Crianças tiveram seus pais e mães decapitados ou crucificados; os que foram poupados arcaram com os prejuízos, perdendo suas propriedades, os que ainda as tinham.

1/130 Bruno e Galineu, entre outros, chegaram em 18 a.C. para controlar os reprimidos que se negavam a satisfazer os impostos cobrados, em atendimento à solicitação do apelidado Mamom, noticiado de que a longínqua e colonizante metrópole formava imbatíveis guerreiros. Os impiedosíssimos comandados, segundo o que lhe fora posicionado, matavam sem clemência até um dos do próprio sangue para defender os domínios do César.

1/131 Os primeiros estrangeiros que aportaram na tetrarquia foram os treinados para as batalhas. Principiando em 14 a.C., com a chegada dos graduados representantes do império com os seus familiares, é que encetaram a sutilmente mandar nos Herodes. A começar de então, não mais aceitaram o que lhes costumeiramente era dado como paga, fazendo a escolha do quinhão. Aos seus prepostos restou a opção de não concordar com o pedido e ficar sem proteção, ao léu dos inimigos.

## 1-5

1/132 Veneram, localizada na primitiva estrada entre Cessareia de baixo e Jope, era uma povoação de poucos tugúrios. Foi edificada por Zacarias e Zaqueu no torrão que lhes pertencia, com o objetivo de abrigar os que buscassem guarida das nocivas consequências das Leis editadas pelos insensíveis opressores. A quase totalidade de seus íncolas se constituía das do sexo feminino, que trabalhavam com cerâmica e lã de carneiro, trocados nos mercados de várias outras cidades, especialmente da Samaria. Escassas vezes, os dois varões, os que negociavam os produtos, marchavam para Jerusalém e região, onde as sendas possuíam redobrada vigilância dos comandados dos Herodes, e enorme era a possibilidade de serem despojados.<sup>[26]</sup>

1/133 Em uma das viagens em que o arabi de Veneram e seu irmão efetuavam, ao desviarem-se do caminho, depararam com um aglomerado de hansenianos

---

[26] De onde quer que retornassem, Zacarias e Zaqueu vinham carregados de sementes, mercadoria cobiçada pelos saqueadores, o que lhes exigia redobradíssima atenção na jornada e busca por caminhos que os marginais não tão assiduamente frequentavam.

Outrossim, os que assaltavam dificilmente se dirigiam aos vilarejos para conseguir suas vitualhas. A eles se aventuravam sem aflições quando das festas, que, por reunirem multidões, ofereciam-lhes a oportunidade de circular com parques cuidados.

com aproximadamente cem moradores, situado entre Sépforis e Nazaré. Avis-taram, logo na entrada, Atabam, um dos que constantemente lhes causava problemas. O ladrão não desenvolvera a terrível, para a época, infecção; contudo, habitava a inóspita área porque propagandeava que se comovera com lancinante padecimento e miséria.

1/134 Crente na iminente presença do prometido, o espoliador permutara seus bens por uma pérola, um rubi e um pote de mirra para com eles mimoseá-lo. Sem detença, dirigiu-se para Belém junto de um escravo designado por seu protetor, a procura do libertador dos hebreus. Porém, ao encontrar um sítio com leprosos, nele se estabeleceu. Com o intuito de auxiliá-los, desfez-se de sua riqueza. O que granjeou, divulgava que aplicara no socorro aos desvalidos que ali viviam, pois com eles ninguém se preocupava. Por o número de doentes sempre aumentar e os recursos somente diminuía, assaltava os viandantes. Pelo constatado, a dupla de comerciantes acreditou compreender o motivo para seu agir.

1/135 Quando em Veneram, dias antes de sua partida para Jerusalém, vilarejo no qual tomaria parte na importantíssima oferenda anual ao Senhor, Zacarias teve uma conversa com Izabel, sua cónjuge, na qual comentou suas aprazíveis ilusões de adolescente:

1/136 - “Quando não tinha muitas colheitas, passava no meu interior ser o maior dos sacerdotes no Templo do Monte, ter muitas terras. Vê o que aconteceu: sou só o rabino de um pequeno lugar de mulheres que tiveram saqueadas suas terras, suas honras depois que tiraram a vida de seus companheiros.”

1/137 Amargurado, concluiu:

1/138 - “Que grande mal fez Herodes Antipas a essas mulheres! E das terras? Tenho só este pequeno lugar e sou obrigado fazer uma oferta, a cada colheita, àquele sacerdote do Templo, que tudo o que faz é julgar aqueles que são de minha gente. E passava no meu interior querer ser um sacerdote para falar no Templo do Monte.”<sup>[27]</sup>

1/139 Ao findar seu lamento, ficou em silêncio, interrompido pela esposa:

1/140 - “Mas falar no Templo de Jerusalém é o sonho de todos aqueles que são de nossa gente.”

1/141 - “Se aqueles que são de minha gente soubessem o que faz o sacerdote maior, não iriam querer ser sacerdotes.”<sup>[28]</sup>

---

[27] O Templo de Jerusalém, por estar situado em um pequeno morro, como **Templo do Monte** era conhecido.

[28] **Sacerdote maior** ou sumo sacerdote: quem detinha autoridade sobre os demais clérigos. Era sua função anunciar o que e como seus subalternos fariam, e o obedeciam à risca. Os que, dentre os dominados, não seguissem as Leis do Templo ou as do respeitadíssimo legislador de antanho, eram levados à sua presença e ele sentenciava qual o padecimento a ser imposto ao infrator.

1/142 Amenizou Izabel a certeza do marido:

1/143 - “Quando se é pequena, se tem muitos sonhos que nem vemos o tempo passar. Quando soube que era tua prometida, começou a passar no meu interior que, quando me unisse à tua pessoa, teria muitas crias que nem saberia como chamar todas elas”, palavras que fizeram com que ele afastasse um pouco a tristeza que estampava.

1/144 Contava Zacarias quarenta e oito aniversários.

1/145 Em Veneram, diferentemente dos outros povoados, os matrimônios eram celebrados logo após o sermão da lua nova, pois não possuíam plantações de trigo para realizarem a festa da ceifa. Concluído um desses sermões, ação que simbolizava fartura para o ano inteiro, o arabi indagou a consorte:

1/146 - “Por que ficastes sem falar?”

1/147 Izabel, considerada velha com suas trinta e cinco primaveras, acreditando haver descoberto a prova definitiva de sua infertilidade, manifestou-se:

1/148 - “Passava no meu interior o tempo da nossa união, das muitas crias que iríamos ter e nem para te dar uma única fui capaz. Sou uma árvore seca. Era tua obrigação procurar uma mulher que te desse uma cria, era teu dever como rabino.”

1/149 Zacarias a escutava sem se consternar. A abatida hebreia, prosseguindo, asseverou, enfática, não mais poder lhe dar um filho. Seu tranquilo interlocutor perguntou o porquê do convencimento.

1/150 - “A minha pessoa sabe que não é mais mulher.”

1/151 Afagando-a, complementou o respeitado varão:

1/152 - “Não tenhas no teu interior que não gosto da tua pessoa porque não me deste um protegido. Mesmo que tivesses me dado muitos protegidos, falo que não serias mais mulher do que és agora, e que não te quererias mais do que te quero agora. Ficar com a tua pessoa foi meu maior pecado, e sei que o Senhor me perdoará.”<sup>[29]</sup>

1/153 Na manhã ulterior, partiu para Jerusalém, onde participaria do Sacri-

---

Considerado o mais sábio e justo entre os orgulhosos varões, quem não cometera uma única iniquidade, era o mais velho entre os presbíteros. Seu substituto estava designado: o segundo com mais ceifas, por entenderem que o escoar do tempo lhes trazia sapiência. Praticamente a totalidade dos hebreus com poder consultavam-no, não que tivessem como objetivo utilizarem-se de seus conselhos.

A figura do sacerdote maior, cujo cargo era vitalício, foi inspirada no sacerdote egípcio, um século antes do nascimento de Jesus.

[29] **Pecado** era o homem ou a mulher ir contra os seus atributos sexuais, comer carne de porco, adulterar, apossar-se do que não lhe pertencia, tirar vivência de um dos de seu povo, manifestar-se maldosamente concernente ao Senhor, não ofertar nos Templos, trabalhar a terra no sabá, enfim, o que divergisse das sagradas Leis obtidas diretamente com o Senhor, como acreditavam.

fício do Cordeiro, deixando Izabel, que não detinha o direito de ingressar no Templo. Zaqueu, habilitado em compartilhar parte do ritual, secundou-o.

1/154 O sumo religioso era o incumbido de indicar os integrantes do encontro anual para a escolha, pelo Senhor, de quem, no recinto especial da edificação, executaria a dádiva. Os selecionados para comparecerem à reunião recebiam uma esfera de barro, preparada pelos filhos dos clérigos, gravada com seus nomes e vilarejos aos quais pertenciam. Imediatamente ao penetrarem na suntuosa, para a época, construção, as pelotas eram depositadas em um saco confeccionado com derma de carneiro. Chegando o derradeiro, o passadouro era fechado e o receptáculo disponibilizado ao designado para suprir o sacerdote maior quando de seu decesso. Depois de proferida a prece, esse o entregava a quem substituiria que retirava uma delas e divulgava o antropônimo do afortunado.

1/155 Zacarias e o incondicional aliado, ao aportarem em Jerusalém na tarde de 02 de Junho de 11 a.C., atentaram para Judá, que na praça do mercado se fazia de revoltado e bradava, como de costume, em oposição à odiada legislação endereçada às viúvas:

1/156 - “Aqueles que são escribas se valem da Lei direcionadas àquelas que são sem companheiros para não terem que dar justificativas para as mortes sem explicação.”

1/157 Sempre compadecido dos hebreus, o arabi questionou a Zaqueu:

1/158 - “Até quando irão acontecer essas mortes?”

1/159 - “Até quando aqueles que são Herodes tiverem o poder”, opinou, incisivo, o irmão com menor número de colheitas.

1/160 Caminharam, então, para o Templo do Monte, onde os espaços laterais eram ocupados pelos mais novos, separados por quantidade de safras, e participaram da oração articulada pelo presbítero mor:

1/161 - “Senhor! Por misericórdia, tenha piedade de todos aqueles que são de minha gente. Como orientou aquele que foi meu protetor, peço que oriente todos que neste local agora estão. Sei que é o único Senhor, como aquele que foi protetor do meu protetor e aquele que foi meu protetor sabiam, e que é o único Rei. Mostre aos meus olhos as Suas Leis para que, com sabedoria, a minha pessoa possa levar todas elas àqueles que são de minha gente.”

1/162 Findada, o sumo religioso, do saco de couro colocado à sua frente, alcançou uma das esferas e apregou:

1/163 - “Zacarias, de Veneram: foste o eleito pelo Senhor para entrar no local mais sagrado do Templo e fazer a oferenda. Recai sobre a tua pessoa a maior tarefa a que um homem que teme ao Senhor pode querer.”

1/164 Apesar do que sentia em relação aos sacerdotes, o rabino ficou radiante de alegria. Nunca fora convidado para a assembleia e, quando da primeira oportu-

tunidade, tornou-se o selecionado. Introduziu-se no sacrossanto sítio em fervoroso agradecimento:

1/165 - “Perdão por cometer injúrias contra o Senhor porque não me deu um protegido, perdão pelas muitas vezes em que não tive fé no Senhor e pelas blasfêmias que cometi.”

1/166 Continuaria a se escusar; entrementes, surgiu-lhe, no alto, uma luz e, dela, uma voz que se identificou:

1/167 - “Sou Gabriel, não te assustes.”

1/168 Com brandura, prosseguiu:

1/169 - “Vim para dizer que a tua pessoa e Izabel irão ter um protegido, que chamarás de João, e que tereis satisfação com a chegada dele, um dos enviados por Deus para vir a esta morada antes do prometido pelos profetas, prometido que mostrará a todos os povos como amar uns aos outros e como praticar os ensinamentos de nosso Pai, que é Deus.”

1/170 Sobressaltado pelo som, não abarcando para o objetivo de seu primogênito e lembrando-se da conversa que tivera com a esposa dias atrás atinente a ela não mais poder ter filhos, Zacarias foi categórico:

1/171 - “Não há jeito de vir de Izabel um protegido para mim. O Senhor tardou em me ajudar.”

1/172 Pacientemente, o visitante, então, materializado, até ser compreendido, explicou em detalhes suas palavras. Diante do contentamento do benfazejo hebreu, conhecedor de que ele não primava pela discrição e que, por muito tagarelar, arruinaria cruciais eventos futuros, pediu-lhe:

1/173 - “Para não prejudicares a chegada de teu protegido e a do prometido pelos profetas, não anuncia a todos o que João irá fazer.”

1/174 Quando dúvida alguma restava, Gabriel concluiu:

1/175 - “Agora, segue para Veneram.”

1/176 O clérigo maior, ao ver o felizardo abandonar o mais que respeitado ambiente, finalizou as atividades com uma prece ao Senhor.

1/177 Sem detença, Zacarias e Zaqueu, inteirado sobre a boa nova, regressaram ao vilarejo que edificaram.

## 1-6

1/178 Maria, a gerada por Ana, em quem a inocência se fazia mais visível que nas demais de sua idade, ao avistar um repellido socialmente, convocou-o para

o jantar, atitude por ela classificada como normal. Logo depois, ao cruzar com Filipe, um dos filhos do sublevado Judá, solicitou-lhe que guiasse o mendicante até sua residência, porque informaria ao pai que teriam companhia para a refeição. Correndo, feito moleca, foi a sua procura e o encontrou a dialogar com Bartolomeu, sacerdote despachado a Nazaré pelos de Jerusalém para zelar que os habitantes cumprissem as Leis de Moisés e as do Templo. Sem acanhamento para com ambos, noticiou ao genitor:

1/179 - “Um excluído virá para a ceia.”<sup>[30]</sup>

1/180 Indignado com o que viu e escutou, o assecla do depositário mor do poder religioso asseverou a Joaquim:

1/181 - “Uma mulher a convidar um excluído para a ceia? É blasfêmia! Falo que o dever é teu.”

1/182 Calmo e não vendo anormalidade no proceder da menina, o pacífico varão divergiu de seu colocutor:

1/183 - “Não devemos olhar aquele que convida. Sempre ensinei os meus protegidos que, após a ceia do sabá, é nosso dever estender a caridade.”<sup>[31]</sup>

1/184 Inconformado, Bartolomeu completou:

1/185 - “Dás muita liberdade a essa mulher. Falo que é tua a obrigação ver de perto o que os teus protegidos estão a fazer.”

1/186 Cessada a prosa, Joaquim retornou à sua moradia. O vingativo clérigo, imediatamente, foi ter com um dos correligionários de Antipas em Nazaré, relatando-lhe a indisciplina.

1/187 O velho esmoleiro, bem alimentado, com invulgar educação, possível de desconfiança em virtude dos ardis dos poderosos para se apossarem das propriedades dos condenados, exprimiu sua vontade de ir embora, apesar de o anfitrião sugerir que seguisse na alvorada ulterior. Ele, no entanto, anunciou que gostava de caminhar à noite, por ser mais fresco, e retirou-se. Ana e o esposo, esgotados por mais um dia de labuta, sob os protestos da filha, que anelava mais conversar, recolheram-se para o merecido descanso. No iniciar da madrugada, bateram na madeira que fechava o passadouro que introduzia ao interior do tugúrio. Atendendo o chamado, o patriarca deparou-se com um dos combatentes do tirano.

---

[30] **Excluídos** ou rejeitados pelo Senhor: os leprosos, os portadores de qualquer defeito físico abandonados pelos caminhos.

[31] Com o intuito de mais explorar os hebreus, do Templo de Jerusalém, em 18 a.C., foi emanada a Lei do Sabá, fazendo os incultos acreditarem que fora Moisés quem a trouxera do Senhor.

Pela altura do Sol, predeterminada era a hora que soariam as cornetas nos lugares onde houvesse sacerdotes ou comandados dos Herodes. Independente da atividade exercitada, os subjugados as abandonariam para se dedicarem exclusivamente ao Senhor. Pela Lei, eram eles obrigados a se adornarem com as melhores túnicas e vestes que possuísem e colocarem à mostra, no que hodiernamente é designado mesa, para eles a pedra da ceia, o que de mais valioso e apetitoso tinham para

1/188 - “És Joaquim?”, rispivamente foi-lhe indagado.

1/189 Em decorrência de resposta afirmativa, incontinênti, o asselvajado maior, com satisfação, sentenciou:

1/190 - “Joaquim Benier, por ordem de Herodes Antipas, teu rei, estás encerrado.”

1/191 - “Para onde me levareis?”, interrogou o aprisionado; contudo, não logrou posicionamento.

1/192 Foi ele conduzido sem ao menos ser inteirado do porquê da detenção, sob o choro intenso de Ana e Maria que, desesperada, exclamava que era por sua causa, lembrando-se do proferido por Bartolomeu.

1/193 Pela manhã, um dos habitantes comunicou a quem concebera Sara que o marido fora crucificado. Sua caçula, também noticiada, gritou que era a culpada e celeremente buscou pelo executado. No local em que mercadejavam, encontrou José, recém-chegado ao povoado, que tentou impedi-la de ver o padecimento do moribundo; porém, não conseguiu segurá-la. Vislumbrou, consequentemente, em sua plenitude, o trágico destino do pai.

1/194 Somente os aparentados do morto, como ditava o costume, participaram do funeral. Maria, avistando Judá, que espreitava os fatos, aproximou-se e, inocentemente, instou-o a procurar os assassinos do genitor, arrematando:

1/195 - “Por que estás aqui? Lamentar não resolve”, não obtendo nenhuma manifestação de quem ininterruptamente afiançava estar ao lado dos hebreus.

1/196 Mais adiante, voltando-se para o cunhado, notando-o novamente de luto, agora por Joaquim, com sua peculiar ingenuidade, glosou:

1/197 - “Nunca tua barba irá crescer.”

1/198 Quando um chefe de família morria, os escribas vinham e, atraindo a atenção da coletividade, liam em voz alta, defronte sua antiga residência, o edito fazendo valer a Lei das Viúvas e marcavam com um xis o que hoje nomeamos porta para que cômicos fossem que eles é que zelariam do patrimônio do falecido.

---

se nutrirem e, ainda, a manter brilhante chama em seus casebres durante o transcurso da data. Nenhuma ação podiam executar, nem mesmo cuidar da limpeza das choças, ou se banhar, isto é, lavar o rosto, as mãos e os pés. Os que laborassem seriam impiedosamente justicados.

Os do povo anuíam que os clérigos conversavam com o Senhor e que traziam os Seus decretos. Por esses representantes estatuíram que o basilar dia era de adoração a Ele, quando ninguém nada faria a não ser ir aos Templos ou às sinagogas, tinham a Lei como verdade absoluta. Abonavam que, se apenas um deles não o conservasse, o Senhor se zangaria e os puniria com tempestades de areia e pragas de gafanhotos, destruindo suas plantações; que seus animais sangrariam até morrer e os corpos de seus filhos seriam cobertos pelas chagas. Quando, porventura, as intempéries da natureza se abatiam sobre os de uma coletividade, por desconfiarem de um entre os seus, aceitavam com espontaneidade as afirmações dos sacerdotes de que fora quebrada a fundamental Lei, e o Senhor irritara-se.

No decorrer da importante ocasião, os clérigos e os comandados dos Herodes vistoriavam os tugúrios para se certificarem do quanto cada um tinha de bens materiais, pois, pelo trajar e pela alimentação, saberiam se escondiam riqueza além do que noticiavam possuir.

1/199 Ao regressarem do sepultamento, verificando o assinalado, exacerbaram-se. Aproveitando-se do sentimento resultante do nefasto ato dos subjulgadores, Judá arquitetou um plano para destruir a estátua que simbolizava o poder de Antipas, uma águia entre duas lanças, instalada na praça central de Nazaré. As imponentes esculturas, presentes em vários dos vilarejos da tetrarquia, eram para, no entender do déspota, mostrar que quem mandava na Galileia era ele, não Herodes, o grande. O pseudoinurgente, para plateia inculta e oprimida, discursou com veemência a respeito da execrada Lei, seu único estandarte:

1/200 - “Por que esse decreto? É um decreto injusto. O que aqueles que são escribas querem é que não mais existam miseráveis para que aquelas que são companheiras dos miseráveis possam ser aniquiladas e suas crias sempre estejam com medo. Pergunto a vós: o que fareis? O que podeis fazer?”

1/201 Incitando seus ouvintes para se agruparem a ele com o objetivo de eliminarem Antipas, e que decidissem na mesma hora, foi compelido a se retirar, não concretizando seu intento, porque soara o alerta de que os cruentos combatentes de quem propagandeava ser o monarca se avizinhavam.

1/202 Colocado o corpo de Joaquim na gruta, José, desejoso de informar a abandonada Sara o óbito do pai primeiramente que ela por fonte diversa se cientificasse, partiu para Belém, ficando Ana e Maria ao desvelo de Mateus. Ao chegar, descobriu por intermédio de Raquel, a mesma que auxiliara a esposa no parto de Azam e que fora trazida de Nazaré, estar a bela morena sem vivência havia perto de duas semanas.

1/203 Longe da mãe e dos de seu torrão natal, com o cônjuge constantemente ausente, Sara, no final da complicada gestação, noticiada do passamento de seu genitor, deu, três dias depois, à luz um casal, Judas e Marta, e deixou a vida de carne um mês após, quando contava vinte e seis aniversários.

1/204 Inexperiente com crianças, José, sem outra opção, segundo o que abrangia, retornou a Nazaré com o intuito de solicitar a Ana o consentimento para que a sua caçula assessorasse a também sofrida babá, que, como nós, com raríssimas exceções, estagiava neste orbe para se rearmonizar consigo mesma. Quando confabulava com a sogra acerca do sucedido e das vindouras dificuldades que os filhos lhe infligiriam, antes de efetuar o pedido, recebeu da atrevidíssima menina, possuidora de doze colheitas, o oferecimento de seus préstimos. Com a concordância da que a concebera, Maria e José partiram para Belém.

1/205 Sem mais empecilhos, o herdeiro de Jacó confiou Judas, Marta, Raquel e a bonita nazarena ao amparo de Simeão José, com treze primaveras, e voltou ao gládio que julgava correto contra o império que os estrangeiros lhes impunham.

1/206 Alguns dias depois, Judá questionou-lhe em relação ao destino da consorte de Joaquim. Apesar do tempo decorrido do fenecimento dos seus, ainda ensandecido e buscando, exclusivamente, desferrar-se dos dominadores, José

posicionou-o de que encarregara Mateus de resolver o assunto. Pasmado com o desconhecimento do parceiro de contenda, que demonstrava extremada ignorância sobre a Lei das Viúvas, o insurreto explicou-lhe que a encargo de sustentá-la era dele, em absoluto do aparentado. Curioso, indagou-lhe:

1/207 - “Por que vieste se juntar a mim? Estás a lutar para quê?”

1/208 A resposta foi enfática:

1/209 - “Para vingar a vida tirada de meu protetor.”

1/210 Quando com os do bando mais uma vez aportou em Nazaré, o empedernido genro encontrou a mãe de quem se matrimoniara dentro do prazo estabelecido para que desocupasse a propriedade.<sup>[32]</sup> Imediatamente, foi ter com o tio, conforme a praxe, para se aconselhar concernente ao que fazer.

1/211 - “Falo que Ana não tem para onde ir. É tua a obrigação de cuidar dela e de Maria”, foi-lhe o asseverado pelo que detinha autoridade de mais velho.

1/212 Desapontado, o também sublevado inquiriu, com irritação:

1/213 - “Ficarei a cuidar só de mulheres?”

1/214 - “É tua obrigação. Muito falarão da tua pessoa, e muitos daqueles que são de nossa gente te virarão a face, mas falo que passará”, incentivou-o Mateus.

1/215 Sem outra alternativa, acatou a desagradável recomendação e levou a varoa para Belém. Pelas seis posteriores ceifas, as vivências dos que habitavam o humilde tugúrio seguiram a rotina da época: Ana e Maria atendiam as crianças, enquanto Simeão José labutava com vigor.<sup>[33]</sup>

1/216 Durante os anos em que se conservou junto dos cruéis saqueadores, o unigênito de Jacó muito pouco esteve em Belém, pois a resistência aos usurpadores das terras dos hebreus exigia que sempre se deslocasse pela tetrarquia.

## 1-6.1

1/217 Desde que se agregara aos insurgentes, o ausente pai mantinha a certeza de batalhar pela libertação do seu povo, o que saciava sua sede de retaliação. Um acontecimento, todavia, fez com que se inteirasse do escopo do chefe dos pseudorrevoltosos. Em um enfrentamento com os comandados de Antipas, um

[32] Também por estar sob responsabilidade de um aparentado de José, era facultado à Ana usufruir da **propriedade** por uma colheita, à espera do genro; se Mateus falecesse, imediatamente dela seria retirada.

[33] Raquel pereceu três primaveras após a chegada da mãe de Maria.

dos integrantes da confraria foi gravemente ferido. Judá ordenou que o deixassem, pois ele somente os atrasaria. José, desobedecendo-o, acudiu o moribundo, procedimento decisivo na preservação da vivência do muito lesionado.

1/218 Malaleu, penhorado pelo socorro ofertado, conhecedor e compartilhador dos objetivos de quem os liderava, entendendo ser inadmissível que seu salvador, de costumes justos demais para permanecer alheio às evidentes intenções dos da quadrilha a que servia, confidenciou-lhe que o massacre sucedido sete safras passadas, em Cérculis, fora realizado por eles. Com o amor-próprio abalado, furioso com a revelação, José comunicou a Judá que não mais o acompanharia. Esse, esperto e subjugador, com o grupo circunscrito a apenas nove partícipes, usou de chantagem. Sentenciando que, se fosse abandonado, proclamaria que Simeão José, quem acreditavam ser filho de seu colocutor, era, na verdade, de Antipas, interpelou-o:

1/219 - “Não tens no teu interior o que todos aqueles que são de Belém irão fazer com aquele que é de tua família quando souberem que tens sangue dos Herodes em tua moradia?”

1/220 Como se preparava para destruir a estátua de uma águia, que simbolizava o deus e a força de Mamom, erguida defronte ao Templo do Monte, propôs-lhe, com desdém, que, se com ele cooperasse na empreitada, poderia, na manhã ulterior, voltar para junto dos seus sem que o segredo fosse quebrado.<sup>[34]</sup> Sem outra opção e aspirando protegê-los, o herdeiro de Jacó aceitou o pernicioso estratagema e seguiu com o foras da lei pela última vez.

1/221 Em 2 de Junho de 11 a.C., antes da meia-noite, quando a odiada imagem era derrubada, adentraram na praça inúmeros combatentes do tirano, e a refrega corpo a corpo teve início. Digladiando com um deles, José o imobilizou, encostando-o à parede com a espada na garganta. Contudo, não teve coragem de matá-lo.

1/222 - “Tira a vida dele”, decretou Judá, encolerizado.

1/223 Fitando o sem movimento, o viúvo de Sara o soltou, o que ocasionou ao timoneiro da malta exacerbado inconformismo, que fulminou:

1/224 - “É melhor que nos deixes. Falo que és uma ameaça para todos.”

1/225 Subitamente, um dos soldados golpeou o unigênito de Jacó na cabeça, que se estatelou no chão. Vendo-o inconsciente, o agressor, secundado dos demais asselvajados saiu em perseguição aos outros rebeldes, e os aprisionou. Logo

---

[34] A **estátua** que expressava o poder de Herodes, o grande, era uma portentosa águia, diferentemente da que emblemava a autoridade de Antipas, a mesma ave rapineira, porém, ladeada por duas lanças. Para o tirano da Galileia, as mortais hastes demonstravam que era ele superior ao pai.

após o alvorecer imediato, diante do monumento que tentaram reduzir ao nada, oito homens estavam em exibição pública, dispostos em duas jaulas. Era Judá e o que restara de seu bando. Condenados a morrer queimados, foram executados três dias depois, no mesmo local, em uma enorme fogueira, ainda dentro dos fétidos cárceres.

1/226 José, ao ser atingido, caiu junto da madeira que bloqueava o acesso a residência de um conhecido seu, que, de pronto, o recolheu, livrando-o da certeza do óbito.

1/227 Reire tinha uma filha com idade de estar casada. Joana, inteirada de que o agonizante se enlaçara unicamente para excluir o nome de Joaquim da lama, interessou-se avidamente por dele zelar, para também obter sua gratidão. Por uma semana, o herdeiro de Jacó se demorou no casebre, trocando não inocentes atitudes concupiscentes com a hebreia, até que o anfitrião, percebendo o que ocorria, posicionou-se:

1/228 - “Sei que aquela que é minha protegida já passou das colheitas para se unir, e os olhares que diriges a ela não são olhares daqueles que querem se unir. Se queres te unir, te compromete agora, ou vai ao encontro daqueles que são de tua família. Falo que teus ferimentos já estão a deixar teu corpo e podes seguir tua caminhada.”

1/229 Sem palavras, José manifestou desejo de se apoderar da matula e se retirar. Foi impedido por Reire que, transcurados parcos segundos, entregou o quase nada que ao hóspede pertencia. Esse, despedindo-se de seu redentor, ausentou-se para não mais regressar, o que causou a Joana profundo desespero.

1/230 De Jerusalém, com a mente fixada no que faria, o unigênito de Jacó para Nazaré diretamente marchou. Em virtude de o aparentado não mais trabalhar como carpinteiro, pediria anuência para se servir de suas ferramentas e praticaria o ofício no vilarejo. Possuía a propriedade recebida quando de sua ligação com Sara e nela constituiria moradia e laboraria, o que possibilitaria a Simeão José, que lhe demonstrava comovente carinho, muito bem quisto pela população, continuar a desempenhar a nobre e rentável ocupação em Belém.

1/231 Após o passamento de Joaquim, Mateus começara a cultivar melões, pois um de seus filhos, Ezequias, mudara-se para Cessareia de cima, e o outro, ao rolar uma tora sobre sua perna, teve-a amputada e não mais detinha condições para auxiliá-lo no serviço pesado.

1/232 Alcançada a aquiescência do tio, partiu para junto dos seus em Belém com o intuito de trazê-los para a minúscula urbe. Antes, no entanto, procurou pela esposa do pseudoinurreto para noticiá-la do fenecimento do marido. Enaltecendo Judá, pois seus dois rebentos estavam por perto, proclamou que sucumbira gladiando. Conhecedora da real motivação do sedicioso, Rebeca, com desprezo, comentou:

1/233 - “Falo que todos vão para a morte como cordeiros.”

1/234 Objetivando elevar a figura do supliciado, opinou que perecera pelos seus. A consorte, possessa, apontando para os dois garotos, replicou:

1/235 - “Perdeu a vida pelas minhas crias? O que falar a minhas crias? Que aquele que devia dar proteção a elas perdeu a vida por elas, quando nem por elas vivia?”

1/236 Refutando-a, José asseverou que o revoltoso deles gostava. Sequer permitindo que terminasse a frase, sua colocutora emendou:

1/237 - “Não o suficiente para ensinar a eles o que é certo e o que não é, como ser justo e piedoso. Tudo deixou para mim. Vós, homens, considerais honrado lutar e perder a vida, mas deixais a parte difícil para as mulheres. Olha se é difícil perder a vida aqui! É só deixar de ir um dia em busca dos alimentos, da água, de esconder as crias dos comandados. O que ele ensinou a minhas crias?”<sup>[35]</sup>

1/238 A sofrida hebreia mesmo respondeu:

1/239 - “Falo que ser como ele: tirar vidas e odiar.”

1/240 Ainda se exprimia quando lobrigou que os meninos brigavam com espadas de grosso lenho, e foi separá-los. Sem argumentos mais convincentes, o portador de louvável intenção foi ultimar os preparativos para a jornada que empreenderia.

1/241 Contava o herdeiro de Jacó vinte e uma primaveras quando seguiu para Belém, secundado por Mateus, que granjearia habilidade nos novos instrumentos que Simeão José, com dezenove aniversários, adquirira de mercadores e utilizava com sucesso. Por não ser experiente no exercício da profissão, o tio aprenderia e depois orientá-lo-ia. O respeitado professor designou seu filho, o que se acidentara, encarregado das atividades que executava.

1/242 Aportaram em Belém em 27 de Junho de 11 a.C..

1/243 Constatando apenas a presença dos anunciados gêmeos, Judas e Marta, ciente de que o enteado na oficina labutava, José perguntou à sogra:

1/244 - “Estás só com aqueles que são pequenos?”

1/245 Ana informou que no momento sim, que sua caçula providenciava água, comunicando-lhe que ela diariamente ia até onde estava os despojos mor-

---

[35] **Ensinar:** transmitir aos viris descendentes o que tinha aprendido.

tais do pai.<sup>[36]</sup> Continuou, com pesar, a narrar sobre a tristeza que envolvia a jovem, mesmo após seis anos do decesso de Joaquim:

1/246 - “Maria não fala com uma só pessoa que não seja desta moradia.”

1/247 Dialogavam quando chegou Simeão José, que a árdua lide encerrava. Ao escutar que a tia era notícia, como ele que comumente a conduzia pelas malcheirosas vielas do lugarejo, salientou que se poria a caminho da gruta; o unigênito de Jacó, contudo, por ser mais velho e abusando da prerrogativa, imiscuiu-se na rotina do primeiro fruto do ventre de Sara:

1/248 - “Falo que vou buscar Maria.”

1/249 Ao no sepulcro adentrar, testemunhou a garota paroleando com a urna:

1/250 - “O que faço? Sempre tive no meu interior tudo em que me ensinaste a confiar: na bondade do Senhor, nas Suas Leis, a esperar que Ele nos mandaria o salvador. Como posso aceitar que estavas certo quando falavas de um Senhor justo e bom, se Ele te deixou perder a vida, o homem mais bondoso?”

1/251 Denunciando o sentimento que a dominava, finalizou:

1/252 - “E tudo por minha culpa.”

1/253 Consolou-a José:

1/254 - “Falo que não foi por tua culpa. As Leis dos Herodes é que não estão certas.”

1/255 Maria, surpresa, virou-se em direção à voz. Deparando-se com o não mais insurgente, ficou extremamente contente por revê-lo. Com meiguice e espontaneidade, manifestou-se:

1/256 - “Todas essas colheitas não te mudaram, a não ser por teus cabelos que estão brancos.”

1/257 José, aproximando-se mais da linda hebreia, sentou-se sobre uma pedra e, olhando-a com admiração, respondeu-lhe:

1/258 - “Já com a tua pessoa as colheitas não fizeram o mesmo: te transformaram em uma mulher.”

1/259 Ao retornarem, Maria, por muito chorar, como se pudesse colocar para fora as lágrimas que guardara desde que o genitor morrera, apoiou-se no ombro do exultante ex-saqueador.

---

[36] O costume imperante entre os do dominado povo, quando da mudança de vilarejo, era de levarem os seus expirados. Acomodavam os restos mortais no vaso funerário em ordem de geração, cada pai com seus filhos e respectivas esposas.

A ossada de Joaquim, depositada em uma urna de pedra com o seu nome inscrito, juntamente com o da família à qual pertencia, seguiu com Ana, de Nazaré para Belém, e a acompanhou quando regressou ao torrão natal.

## 1-7

1/260 Desse dia em diante e durante as três vindouras luas, José a secundou, quer do poço, do lago ou da caverna utilizada como tumba até o tugúrio onde se estabeleceram.<sup>[37]</sup> Em inúmeras oportunidades, carregou as ânforas com água, o que não era procedimento habitual a qualquer dos homens da época. Como chegavam invariavelmente ao anoitecer, gerou uma situação que não agradava Ana: o herdeiro de Jacó era viúvo e a filha, que sequer menstruara pela vez inicial, uma criança. Se alguém os visse juntos, difamaria-na, e novamente o nome do marido estaria na lama. Igualmente não assentia com o comportamento do genro, pois bastava um varão se aproximar de Maria para que ele ficasse enciumado.

1/261 Rotineiramente, José, decidido a concretizar o secreto desejo há muito reprimido, ia ter com a caçula de Joaquim. Não a localizando na cisterna central nem no quase charco, demandava por ela na furna, a pequena distância. Em uma dessas tardes, a cunhada, com singeleza e naturalidade, relatou que sempre tivera carinho por ele, que o via como um homem diferente dos demais, que nunca desrespeitara a irmã. Culminando a declaração, anunciou que ficaria feliz se também se unissem. Satisfeitíssimo, porém, de antemão sem a mínima disposição de cumprir com o que pronunciaria, o despuadorado pediu paciência à garota, pois, muito breve, pleitearia autorização a Ana para se matrimoniarem. Identicamente tergiversando, articulou que precisava conquistar a fidúcia da sogra, que se mantinha brava, pois ele se dedicava mais a atenta espectadora do que a Judas e Marta.

1/262 Depois do que classificou como confidência, procurava pela requestada apenas quando ela baldeava as últimas viagens do líquido do brejo, pois sabia que antes, ela proseava com o pai. Astutamente, fazia com que Simeão José ficasse trabalhando na carpintaria, e a aguardava. Ficavam por longo tempo paroleando deitados nas margens do reservatório. Mesmo com a razão entorpecida pelo vil anelo, encantava-se com a inocência de Maria, com suas histórias, em como lhe expunha das conversas com quem designara ser seu anjo, da certeza da vinda do redentor. Ela, objetivando estar por perto quando de seu advento, pediu-lhe que, ao se inteirar de onde seria, que a levasse para conhecê-lo.

1/263 Pressuroso para sedimentar sua vontade, arquitetou o, então, versado hebreu, uma teatral brincadeira, com segunda intenção. Quando da presença da protegida de Joaquim para os derradeiros traslados, escondeu-se atrás de uma

[37] Os moradores de Belém utilizavam-se da água do poço, localizado na praça central da cidade, somente para beber, e a do lago natural, situado abaixo das colinas, para as atividades menos nobres.

O charco secou em 90 d.C., em virtude da ganância dos detentores de poder, que, no anseio de auferir lucros, pois cobravam até o que os animais ingeriam, muito cavaram ao redor de sua nascente, ocasionando o desaparecimento da mesma. Originou ela, então, a cisterna que, atualmente, abastece a área mais paupérrima de Belém.

rocha e, ao vê-la se avizinhar, chamou-a, disfarçando o timbre vocal. Indagou ela quem era.

1/264 - “Falo que sou teu anjo.”

1/265 - “Se és meu anjo, por que não te mostras?”

1/266 - “Só ouvirás a minha voz. Falo que me ver ainda não é possível.”

1/267 - “Por que vens falar com a minha pessoa?”

1/268 Inconsequente, o unigênito de Jacó, não imaginando o resultado que seu ato acarretaria aos envolvidos, proferiu:

1/269 - “Para te falar que aquele que foi prometido pelo Senhor virá mesmo e será por uma daquelas que é de tua gente.”

1/270 - “É o que todos estão a falar.”

1/271 - “Falo que foste a eleita para dar vida ao prometido pelo Senhor.”

1/272 Radiante de alegria, postulou Maria que mais lhe fosse revelado; todavia, o invisível interlocutor emudeceu. Depois de poucos minutos, ele, como se chegasse, com falsa despreensão, exibiu-se. Afoita, a menina-moça noticiou-lhe, em detalhes, do teor do diálogo. Reputou José graça na narração do sucedido, exultante com o sucesso de sua encenação. Quando ela asseverou que fora a escolhida para ser a mãe do almejado salvador, com entusiasmo abonou a assertiva.

1/273 Os dias sobrevieram e também as palestras do hábil ator. Não contendo seus impulsos ante os atributos da jovem, sem projeto de se enlaçar a ninguém, com a persuasão de que não a fecundaria, pois se qualificava experimentado, o herdeiro de Jacó, em mais uma sessão de galanteios, fazendo-se novamente passar por um dos enviados de Deus, decretou:

1/274 - “Falo que aquele que foi prometido pelo Senhor virá de um homem e de sua companheira, como todos, que serás aquela que terá aquele que foi prometido no ventre e ele será da proteção de José.”

1/275 - “Mas como?”

1/276 - “Falo que terás que te unir a José.”

1/277 Decorrido escasso intervalo de tempo, namoravam na beira do lago, onde José conheceu Maria como mulher e Maria conheceu José como homem. Continuaram a se encontrar, até que ela observou que seu abdome crescia.

1/278 Do momento em que José aportou em Belém à concepção do primogênito de Maria, menos de um mês transcorreu.

1/279 Para a filha de Joaquim, as duas luas iniciais após a copulação foram de vigorosa ventura, mas, para o desavergonhado varão, de incessante preocupação em ser descoberto. Sua ansiedade foi coroada quando ela, na sua ingenuidade, comentou as transformações que seu corpo sofria e não sabia o motivo.

1/280 José, que depois do passamento de Sara nunca mais tivera, nem como o menor dos propósitos, voltar a se casar, ao se inteirar do que previamente julgara ter probabilidade zero de constatar, não aceitou ter sido ele quem engravidara Maria, pois tinha certeza de que ela, por não usar o véu branco, jamais menstrurara.<sup>[38]</sup> Era cômico de que, sem o evento físico, a mulher era infrutífera, além de haver tomado precaução para evitá-la.<sup>[39]</sup> Perguntou-se como adviera desagradável fato. Em pensamento, para consigo mesmo, a resposta foi imediata:

1/281 - “Sei que a cria não é minha.”

1/282 O que ignorava era que, quando do estreante coito, Maria estava em seu inaugural período de ovulação.<sup>[40]</sup>

1/283 Como seu objeto de desejo não portava ornamento qualquer na cabeça em virtude do primeiro sangramento não haver acontecido, sequer ter sido prometida, sempre brincava com as demais crianças.<sup>[41]</sup> Como justificativa íntima para a intenção de não se ligar, edificou sua verdade: a de que Maria era adúltera.

1/284 O costume que imperava entre os hebreus era que o homem que assumisse os da família da esposa quando de sua morte, na ausência de um cunhado, poderia contrair núpcias com a irmã da mesma, desde que obedecesse, havendo mais de uma, a ordem de nascimento. Por conseguinte, era facultado ao herdeiro de Jacó se matrimoniar com a não mais, para ele, atraente garota, se fosse seu pleito. Por estar ela a gerar um filho e não ter sido oficializado o conúbio, receberiam, como castigo, cinquenta chibatadas cada um, para exemplificar, e seriam expulsos da cidade.<sup>[42]</sup>

1/285 Era a única atitude honrada para José. Se não o fizesse, Maria seria considerada pecadora e penalizada com a lapidação. Ao insensível varão, como punição por dela não ter cuidado corretamente, apenas o banimento do vilarejo, secundado dos seus, e os bens usurpados. Nada mais.

1/286 Com a notícia da prenhez, José recomendou a Maria com ninguém nem ao menos segredar estar diferente, pois ele solucionaria o problema. No mesmo dia, retirou-se de Belém, com a desculpa de adquirir madeiras para a carpintaria, retornando uma semana depois.

---

[38] Era obrigação de uma mãe, a partir do primeiro sangramento, fazer com que a filha portasse o ornamento sinalizador de que poderia se unir.

[39] O único método anticoncepcional difundido era o coito interrompido.

[40] Quando conheceu José como homem, a menarca para Maria não adviera, apesar de estar com quase dezoito aniversários, em consequência da má alimentação e da rudeza da vivência que imperava, condições que não permitiam o pleno desenvolvimento do corpo humano.

[41] Para muitas das famílias hebraicas, se estivesse a filha prometida, usaria ela o véu azul mesmo sem ter menstruado pela vez inicial.

[42] O instrumento de flagelo se constituía de um trançado de couro ressequido.

1/287 Acreditando estar doente, para não causar inquietação a Ana, a amoroza filha atendeu a sugestão, persuadida que, quando o futuro marido volvesse, traria o remédio para sua moléstia.

1/288 O unigênito de Jacó regressou de Jerusalém com um plano para se safar da responsabilidade pela gestação que repugnava. De acordo com o que idealizara, não teria que novamente se vincular e consequência alguma adviria à Maria. Localizando-a na gruta, sabedor da sua ingenuidade, do desconhecimento do próprio estado, atestou que a questão da barriga passaria após as bodas, fito que não possuía efetivar. Solicitou-lhe, com contida rudeza, que nada revelasse sobre os encontros, pois antes era necessário que ficasse sua noiva. Sentenciou à ainda criança que, como não conversara com a sogra e também não granjeara a aprovação do rabino, ela, somente por terem permanecido na praia do lago, seria apedrejada e ele, enxotado de Belém.

1/289 Sem entendimento do que lhe ocorreu, compenetrada de que o enlace seria imediato, a protegida de Joaquim assentiu com os verbos de José, pois nele depositava plena fé. Em acréscimo ao pedido, o hebreu que fugia das implicações de seus atos lhe garantiria que o enviado do Senhor se manifestaria, o que a deixou exultante, porque teria orientação concernente a como proceder.

1/290 Dois dias depois, continuando a se aproveitar da inocência de Maria, retomou o herdeiro de Jacó a sequência do que arquitetara. Na caverna, simulando ser o benfazejo anjo, fez-se escutar:

1/291 - “Por que estás a chorar?”

1/292 - “Choro porque tiraram a vida do meu protetor.”

1/293 - “O Senhor está com a tua pessoa. Falo que foste a eleita pelo Senhor para ser aquela que carregará no ventre o Seu prometido.”

1/294 Encerrado o diálogo, José nada mais pronunciou. Aguardando poucos minutos, fingiu chegar.

1/295 Demonstrando felicidade maior do que quando da anterior oportunidade em que obtivera o mesmo informe, Maria, jamais conjecturando de que estava grávida - tinha apenas como veraz que seria a genitora do salvador imensamente aspirado, relatou ao farsante o acontecido e sua vontade de participá-lo também à mãe. Foi aconselhada a esperar um pouco mais, pois, segundo ele, Ana conservava-se em sofrimento pelo fenecimento do cônjuge. Acatou ela os argumentos e, com inebriante simplicidade, articulou:

1/296 - “Quando vamos nos unir?”

1/297 Para a jovem, que ignorava o conceito vigente de pura, era imprescindível ser casada para que um rebento nascesse, o porquê da inquirição. Obviamente, ainda não assimilara o sucedido. Possuía ela a convicção de que a resposta seria com rapidez, pois tinha na mente que José ficaria venturosíssimo

em auxiliá-la, exercendo a função de pai, a fazer com que o redentor adquirisse primaveras, como Joaquim perfizera com Azam.<sup>[43]</sup>

1/298 - “Porque o meu anjo falou que aquele que foi prometido aos profetas está para vir a este mundo”, concluiu, com singelo sentimento, a que interpretava os sintomas, nunca experimentados, como doença.

1/299 Pelo planejado se realizar a contento, José, com absoluta solidez, posicionou-se:

1/300 - “Não devo me unir por agora. Como falarei a Judas e a Marta que vou me unir tão rápido com a tua pessoa, que possui menos colheitas do que Simeão?”

1/301 Mesmo sendo lembrado de que o primogênito de Sara não era seu filho, inabalável em seu objetivo, finalizou:

1/302 - “Só a minha e a tua pessoa é que sabem. Peço para me deixares decidir o que fazer.”

1/303 Até então, em instante algum, Maria supusera que daria à luz. Tinha, sim, a certeza do advento do almejado servidor, que alforriaria os de seu povo do grande padecimento que lhe infligiam, conforme lhe assegurara seu interlocutor, em quem confiava ilimitadamente. Como o celestial e ardentemente aguardado varão em breve aportaria na tetrarquia, clamou a José, antes que abandonassem a cava, que com urgência definisse como iria se conduzir.

1/304 O móvel para o herdeiro de Jacó prosseguir no planejado foi não pretender voltar a se matricular e não admitir que a fertilização de Maria fosse de sua responsabilidade. Alcançando sucesso na empreitada, não somente se livraria das consequências de sua obra, como ela não pereceria. Acreditou que não vacilariam em adotar de imediato a versão que produzira sobre o surgimento do enviado do Senhor ao constatarem que uma sobejamente acolhida como casta aparecera prenha, em virtude de que nada errado ocorrera na vivência da envolvida.

1/305 Engendrou José a situação por conhecer o que entre os dominados era notório: na que traria o prometido, em momento nenhum de sua existência um homem a tocara, sequer em um único fio de seu cabelo, a não ser o pai, que a teve no colo quando criança. Também porque, como afiançaram os gabaritados vaticinadores de antanho, o aspirado libertador nasceria de uma mulher que conceberia por ato do espírito do Senhor, e, mesmo pejada, seria imaculada. Outrossim, valia-se do desejo profundo das hebreias de serem a genitora do salvador. Mais um motivo da anuência coletiva ao seu intento, como inferia, era a

---

[43] Em sua ingenuidade, Maria tampouco comenetrara-se da existência do fluxo mensal característico das varoas e de seu significado.

de que os residentes em Belém sabiam e comentavam acerca da ingenuidade de Maria, que brincava com as de parcas ceifas, apesar da idade.

1/306 Coroando sua trama, cômico de que, e não raro, mesmo não fluindo o primeiro sangramento, estivesse a jovem compromissada, usava ela o adorno característico, aceitou ser a transgressão conveniente elemento de persuasão, pois era inflexível que Maria não andava coberta com véu de virgem. Na sua aceção, os fatos seriam sinais ultraevidentes de que o Senhor a reservara para que gerasse o ansiado redentor.

1/307 Mulher com experiência, Ana, ao perceber que a filha agia diferentemente do habitual, visto ter ela enjoo e, não obstante pouco comer, engordar, foi parolar com Mateus na carpintaria de Simeão José, narrando-lhe, com tristeza, sua dilacerante preocupação:

1/308 - “Falo que José me enganou só porque veio da moradia de Davi. José tem no seu interior que possui mais poder que aqueles que são de nossa gente. Se Joaquim não tivesse perdido a vida, sei que estaria a me ajudar.”

1/309 - “Pode não ser verdade o que está a passar no teu interior”, advogou o viúvo em favor do aparentado.

1/310 Intimamente convencida da perniciosa ação do aproveitador, questionou:

1/311 - “O que devo ter no meu interior? Maria quer se unir, e fala que José não quer que a minha pessoa saiba o que aconteceu!”

1/312 Como a caçula ignorava o próprio estado, ao lhe confidenciar o anseio em se nupciar, era por amor ao unigênito de Jacó. Ao posicioná-la de que ele não anelava que se inteirasse do sucedido, referia-se a ser a mãe do libertador, e não à gravidez.

1/313 Para agradar sua colocutora, propôs Mateus com a autoridade de mais velho:

1/314 - “Vou falar com José. É melhor que ele tenha uma resposta.”

1/315 Os dois, com ligeireza, direcionaram-se para onde o não mais insurreccionado labutava.

1/316 Nesse ínterim, Maria, por se sentir desorientada, na gruta conversava com Joaquim. O que seu anjo, que desconhecia ser impostor, garantira-lhe, o futuro cônjuge lhe pedira para não divulgar a ninguém, e Ana afirmava que seu proceder afrontara as Leis do Senhor:

1/317 - “Não sei o que devo fazer! Se fosses vivo, sei que me falarias, mas sei que é a minha pessoa que tem que resolver o que fazer”, concluiu com o pai.

1/318 No mesmo instante, Mateus principiava a arguição ao astuto José. Esse, como a um desinformado, cinicamente expôs o que Maria lhe noticiara após ter ela escutado um dos enviados de Deus.

1/319 - “Falo que não é verdade”, refutou-o com firmeza a sogra.

1/320 Aquiescendo ao que o sobrinho relatara, o protetor de Ananias e Ezequias emitiu seu parecer:

1/321 - “Agora sei que Maria encontrou como fugir da morte de Joaquim.”

1/322 Virando-se para Ana, finalizou:

1/323 - “Falo que todas querem ser aquela que carregará o prometido pelo Senhor.”

1/324 A inconformada hebreia, que visualizava mudança no corpo físico da que concebera, não acolheu a explicação. Sabia que o genro fora insincero e que, valendo-se das circunstâncias, pleiteava que abonassem estar a filha doente da cabeça, como chamavam os desvairados.

## 1-7.1

1/325 No início do quarto mês de gestação, as Benier se deslocaram até o mercado. Uma das colegas de Ana interrogou-a se Maria realizaria o conúbio, pois tinha sido observada várias vezes junto de José e como ela não mais buscava água no poço, somente no lago, os comentários se tornaram inevitáveis. Perante a mudez da também genitora de Sara, Raquel sentenciou:

1/326 - “Não quero mais que minha cria fale com Maria. Ruth irá se unir, e não quero que tua cria estrague tudo.”

1/327 Estupefata com o revelado, Ana se pôs a procurar a filha, que se mantinha atenta ao discurso de um dos muitos profetas existentes. Alastrava ele:

1/328 - “O César quer escravizar até os vossos interiores, quer vos fazer aceitar que ele é um deus, mas não há deus algum, exceto o nosso Senhor. Imaginai, todos vós que me ouvis, o maior guerreiro que o mundo já conheceu e como virá.”

1/329 Enfático, anunciou:

1/330 - “Falarei como virá: os céus irão se abrir, e o prometido pelo Senhor irá descer entre todos aqueles que são de nossa gente, impregnado com o sangue de Israel e daqueles de nossas famílias que já se foram, a conduzir a todos nas grandes batalhas contra aqueles que são nossos inimigos. O prometido invocará todos os seres imundos, que devorarão nossos inimigos em um grande banquete do Senhor. Falo que todos os seres imundos se alimentarão dos comandados e dos reis que nos humilham.”

1/331 Maria, consciente do que o ser que acreditava angelical lhe deslindara, dirigiu-se aos da ignorante turba, constituída praticamente por homens, objetivando esclarecê-los:

1/332 - “Não deis ouvidos a ele.”

1/333 Olhando fixamente para o orador, arrematou:

1/334 - “Sei que tens como verdade o que estás a falar, mas não entendes que o prometido”, não terminando a frase, por sentir tonturas.

1/335 Parou, respirou profundamente e prosseguiu:

1/336 - “Estás a se enganar. O prometido está para chegar, mas não da forma que falas, não como um comandante entre sangue e mortandade. Falo que o prometido virá para nos trazer a paz e a ordem.”

1/337 Determinada, apregoou:

1/338 - “Sei que o prometido irá trazer a paz, não a discórdia.”

1/339 Foi interrompida por um dos indignados com sua atitude, que, em um rasgo de espanto, exclamou:

1/340 - “Uma mulher a falar na praça? Heresia! Levai essa mulher desta praça.”

1/341 Porém, convicta, Maria concluiu:

1/342 - “Sei do que estou a falar: serei aquela que carregará o prometido, e José estará junto de mim. Aceitai, falo a verdade”, e desmaiou junto dos da multidão.

1/343 Ao assegurar que o unigênito de Jacó estaria com ela, não declarou ser ele o pai, e sim que assumiria o papel de protetor do mais que ansiado redentor.

1/344 Recobrando a capacidade de raciocinar, de imediato foi guiada pela mãe e por outras das varoas à moradia de Raquel, pouco distante, onde constataram, em virtude de serem os sinais evidentes, que a menina, que sequer véu usava, estava prenha.

1/345 Observando o frenesi que imperava a sua volta, Maria confidenciou a viúva de Joaquim:

1/346 - “Falo que estou com medo.”

1/347 Envolvendo-a em um carinhoso abraço, Ana garantiu que não permitiria que nada de mal lhe acontecesse. Acompanhada unicamente da filha, a corajosa hebreia rumou para sua residência, atravessando a vaga humana, que, sedenta, gritava:

1/348 - “Heresia, blasfêmia.”

1/349 Ao se inteirar dos fatos, José, que na carpintaria labutava, foi ao encontro da noiva, como que se houvesse resolvido cumprir com sua obrigação. Quando junto dela, Ana o recriminou:

1/350 - “Fizeste as nossas pessoas aceitar que Maria estava fora de si, quando o que fazia era nos traír.”

1/351 Virando-se para a acamada, afiançou:

1/352 - “José me falava que queria te proteger. Agora, não deixarei ele nem mais um instante a sós com a tua pessoa.”

1/353 Maria, com deferência, solicitou à genitora que se retirasse por alguns minutos, pois precisava conversar com o cunhado. A matrona, contrariada, antes de sair, complementou, desaforada:

1/354 - “Traidor. Já não bastava fazer a minha cria ter no seu interior que era uma honra pertencer à tua família? Que grande honra!”

1/355 Com rispidez, julgando ter Maria revelado sua obra à beira do lago, buscou o herdeiro de Jacó confirmar se era legítimo. Acreditando ter sido o desfalecimento apenas uma advertência de que ficaria a esperar um bebê, sua interlocutora estimulou-o a alterar seu comportamento:

1/356 - “O Senhor quer que faças parte da chegada do Seu prometido. Por que não te uniste a mim quando falei? Se quiseres, podemos nos unir agora.”

1/357 Conhecedor de que a engravidara, todavia, não acatando o incontestável, José, nervoso e com receio, ignorando o quanto de seus atos fora noticiado, e ainda, utilizando-se para fugir da responsabilidade do sucedido havia pouco tempo, disparou:

1/358 - “Será que essa cria não é daquele que vive pelos caminhos, aquele que te fez sorrir? Será que não fizeste com outro o mesmo? Respeitei a tua pessoa e não me deste respeito.”

1/359 Insensível, concluiu:

1/360 - “É daquele que te fez sorrir a cria que trazes em teu ventre.”

1/361 - “O que falas não é culpa tua, é do ódio que trazes em teu coração. Não sei o porquê de tanta raiva. Por que não aceitas o que falo?”

1/362 - “Sabias que a minha pessoa só tinha para te dar a minha companhia, que teria te dado com muito gosto. Agora, o que tenho é o meu orgulho, e não vou deixar que desarraigues ele de mim.”

1/363 Com termos meigos, mas com firmeza, proferiu Maria ao imodesto hebreu, que em silêncio escutou e sem delonga se ausentou:

1/364 - “Nunca quis ferir o teu orgulho. Falo que só queria estar com a tua pessoa.”

1/365 Não diferente em sentimentos dos homens de sua época, será que dos hodiernos?, José, sem oficializar o matrimônio, ambicionava a caçula de Joaquim para seu exclusivo deleite, jamais permitindo que outro dela se aproximasse. A ira e o desprezo contidos nas palavras que articulou foram motivados quando Maria, atendendo a um pedido da mãe, deslocou-se, juntamente com Marta e Ju-

das, ambos com seis anos, até o mercado, para adquirir frutas e raízes. Na feira, quem sentenciado foi ser o primeiro dos gêmeos teve a atenção voltada para um ilusionista que executava suas brincadeiras e demandou insistentemente à tia que admitisse observá-lo. Ela não aquiesceu; contudo, como a última nascida de Sara expressava o mesmo desejo, cedeu aos apelos e se posicionaram atrás dos demais pequenos que se divertiam.

1/366 O mágico colocou três ovos de pomba em uma caixa, que foi posta dentro de outra maior. Olhando para Maria, tocou no recipiente com uma diminuta vara; no entanto, com fisionomia abatida, apregooou que se equivocara. Demonstrando disposição, repetiu a operação. Ao findá-la, jubiloso, garantiu que obtivera sucesso. Abrindo o fantástico receptáculo, dele surgiram seis aves adultas, que ofereceu para as crianças como mimo. A que gerava um novo corpo físico comentou que em oportunidade alguma vira nada igual, e se avizinhou um pouco mais. O também ventríloquo se apresentou:

1/367 - “Sou como um mercador. Não tenho moradia em um só lugar, a minha moradia são os caminhos.”

1/368 Fitando a interessada espectadora, buscou em seus apetrechos um boneco, que chamava de Cogo, e reiniciou o espetáculo fazendo com que ele se manifestasse:

1/369 - “Quero dançar e cantar. Oh, o que vejo? Uma linda mulher, mas tão triste. Vem cá, bela mulher, vou te fazer sorrir!”

1/370 Chocalhando o discursador, o prestidigitador exigiu que ficasse quieto e não incomodasse a moça; porém, o animado objeto anunciou que, se ela não viesse para mais perto, prantearia. Judas e Marta, simplesmente maravilhados com a figura de pau, incentivaram quem os conduzia, pronunciando seu nome, a satisfazê-lo. O ilusionista, da mesma forma a instigou a se aproximar. Timidamente, a protegida de Joaquim anuiu ao convite, até ficar frente a frente com Cogo. Esse, com voz engraçada, perguntou:

1/371 - “Bela Maria, por que estás tão triste?”

1/372 Não resistindo, a caçula de Ana, majestosamente, regozijou-se.

1/373 - “Estás a ver, te fiz sorrir. Agora quero um beijo, só um beijo.”

1/374 O mágico suplicou ao fantoche que parasse, mas não foi obedecido.

1/375 - “Só um beijo”, prosseguiu a marionete.

1/376 Rendida pela cena, Maria ao pleito assentiu. Foi o que bastou para José, que atento assistia sem ser notado, quer por ela, quer pelos filhos, furioso recusasse de sua tocaia, sentindo-se traído. Consoante a totalidade dos integrantes do sexo masculino da época, com raras exceções, mesmo não imbuído da vontade de se nupciar, julgava-a sua exclusiva propriedade.

1/377 Bartolomeu, o mesmo sacerdote que entregara Joaquim à morte em Nazaré, inteirando-se do agir do prestidigitador, ordenou aos de minguadas primaveras que se retirassem da praça. Dirigindo-se a Maria, repreendeu-a:

1/378 - “Aqueles que são de poucas colheitas, posso entender, mas não a tua pessoa, que conhece as Leis do Senhor. Sabes que o Senhor proíbe a todos de fazer imagem de homem, e te encontro aqui?”

1/379 Defendendo seu ganha-pão, o ventríloco replicou, afirmando que Cogo era apenas um pedaço de madeira. A admoestada afastou-se de cabeça baixa e com uma das mãos dos sobrinhos presas às suas. Desalentado pelo acontecido, o ilusionista seguiu-a e inquiriu se seriam castigados por sua causa. Por ela permanecer emudecida, persistiu:

1/380 - “Onde moras? Posso te levar para tua moradia.”

1/381 Acenou Maria negativamente; todavia, Judas, ao ver que o ofertante possuía uma carroça puxada por dois jumentos, ficou empolgado. Sem detença, subiu, juntamente com Marta, no grosseiro meio de transporte. Sem outra alternativa, a tia acercou-se aos pequenos e aceitou serem trasladados pelo forasteiro, o qual, pelo caminho, entreteve os passageiros com seus dotes teatrais.

1/382 Apesar de haver se ausentado sem ser reparado pelos seus quando do ósculo no boneco, o unigênito de Jacó continuou a espreitar. Chegando antes ao casebre, enciumado, questionou Maria, ao vê-la ingressar:

1/383 - “Ficaste muito alegre?”

1/384 - “Do que estás a falar?”, exprimiu-se a interrogada, sem absolutamente nada abarcar.

1/385 O orgulhoso varão apartou-se calado e com a caçula de Ana não mais palestrou até o dia em que ela regressara das compras, quando propagara ao adventício pressagiador e aos demais o que sabia sobre a vinda do almejado salvador.

1/386 Pouco tempo depois da saída abrupta do José, sentindo-se abandonada por ele, que era para estar junto de si, Maria foi à gruta em que costumeiramente orava. Quando perante a urna com os despojos de Joaquim, avistou na entrada um vulto.

1/387 - “Por que choras?”, meigamente indagou ele.

1/388 Mesmo constatando que não era quem amava, como ao primeiro impulso lhe parecera, respondeu:

1/389 - “Falo que é porque querem tirar a minha vida e a do prometido que virá a este mundo.”

1/390 Ainda ignorando que estava grávida, por acreditar que se morria de amargura, por se sentir profundamente prostrada por força do teor da conversa

com o herdeiro de Jacó, admitindo que deixaria a vida e, conseqüentemente, não haveria nascimento, foi que asseverou pretenderem matá-la e ao ansiado redentor.

1/391 O envolvido em uma brilhante luz retomou a palavra:

1/392 - “Não tenhas medo, Deus está a olhar para tua pessoa. Digo que, muito em breve, terás um filho, que será chamado Jesus. Será ele aclamado em todo o universo, e os hebreus anunciarão ser ele da família de Davi e o prometido aos profetas. O filho que trazes em teu ventre trará os ensinamentos de Deus para todos desta morada, ensinamentos que jamais terão fim.”

1/393 - “Como pode ser, se querem tirar a minha vida e a do prometido?”

1/394 Carinhosamente foi acalmada:

1/395 - “Um espírito enviado por Deus está com a tua pessoa a te proteger. O filho que virá da tua pessoa é o prometido pelos profetas. Vai agora para a tua moradia, que nem uma só pessoa te tocará.”

1/396 Retornou Maria, eufórica, para sua residência. Esquecida do desagradável comportamento de José, a ele narrou o sucedido na fumaça:

1/397 - “Falaste a verdade. Agora vi o meu anjo, que outra vez me falou que serei aquela que trará o prometido a este mundo.”

1/398 Prosseguiu, entusiasmada:

1/399 - “Se quiseres, falo que poderás ser o protetor daquele que foi prometido pelo Senhor.”

1/400 Incontinente, manifestou ao incrédulo interlocutor a vontade de divulgar a revelação. Esse, compreendendo que ela enlouquecera em virtude do acontecido, para estancar o contagiante regozijo que evidenciava, protestou:

1/401 - “Não deves, poderá ser perigoso. Aqueles que têm muitas colheitas, os sacerdotes e os Herodes não irão gostar de saber que o prometido pelo Senhor virá entre aqueles que não têm terras e moedas. Tens no teu interior que irão gostar?”

1/402 Sobre assumir a paternidade, ou, como tinha Maria em seu íntimo, auxiliá-la a fazer com que o anelado servidor conquistasse mais idade, como Joaquim procedera com Sara, nenhum som.

1/403 Abrigando as ponderações, a ainda menina confidenciou, da mesma forma que agira após o próprio, na ocasião ocultado, ter-lhe afiançado de que seria ela a que traria o libertador que fora noticiado pelos respeitados vaticinadores, que apreciaria relatar exclusivamente para a mãe. Persuadido do desvario de Maria, consciente de que Ana contestaria o enredo, José se explicou:

1/404 - “Não fales nada a uma só pessoa. Sei que queres fazer a todos tão felizes quanto estás, mas aqueles que são de nossa gente não irão aceitar. Lembra

que, só de Herodes ouvir falar na chegada daquele que foi prometido pelo Senhor, já é uma ameaça para a tua cria.”

1/405 Novamente a bela gestante cedeu ao arrazoado. Memorando-se da palestra que tivera com o irmão não possuidor de corpo físico, completou:

1/406 - “Sei que nossa união não pode esperar. Meu anjo falou que a chegada do prometido vai ser logo. Falo que não podes esperar mais.”

1/407 Tais verbos ratificaram ao unigênito de Jacó que ela estava mesmo doente, pois demonstrava claramente alienação ao seu estado, apesar do ocorrido.

## 1-8

1/408 Concluída a segunda refeição do dia, dois comandados de Mamom, após delação por parte de Bartolomeu, bateram no pesado lenho que bloqueava o acesso ao lar de José e apregoaram:

1/409 - “Maria, da proteção de Joaquim: estás encerrada e serás julgada por blasfemar”, levando-a para a prisão, onde passou a noite.

1/410 Na praça do mercado, enquanto aguardavam pelo alvorecer, vários dos íncolas se aglutinavam em volta de uma pequena fogueira, posicionados no melhor local, pois, independente de qual fosse a falta atribuída à infratora, teriam espetáculo para compartilhar. Eram observados por dois outros, que comentaram:

1/411 - “Como entender? Oram tanto para que o Senhor envie aquele que prometeu aos profetas e, quando uma pessoa anuncia que ele está a chegar, querem tirar a vida daquela que a todos anunciou.”

1/412 Logo pela manhã, no Templo de Belém, encontravam-se congregados seis sacerdotes, o rabino e o de maior longevidade no vilarejo para deliberarem como oficialmente tipificariam a ação de Maria. Dentre os do orgulhoso sexteto, o mais velho foi quem presidiu a solene audiência. O prazeroso Bartolomeu reservou-se à função de incriminador. Aos dois partícipes que não se reportavam ao clérigo mor em Jerusalém coube a defesa da caçula de Ana.

1/413 A reunião foi necessária por ter o ocasionador do decesso de Joaquim insuflado os debates, encaminhando o delito para blasfêmia, contrariamente ao desejo do arabi, favorável à inculpação por amantismo ou por oposição à doutrina estabelecida, pois abarcava que insulto ao Senhor era extremamente severo. Outrossim, adotada a denunciação em pauta, ele, por encargo inerente à profissão, obrigava-se a presenciar a execução da sentença, o que não sucederia se a resolução fosse outra que não a desastrosa ofensa.

1/414 Com satisfação, Bartolomeu listou seus argumentos:

1/415 - “Maria afirmou que o prometido aos profetas virá de seu ventre, que a cria que está em seu ventre é do próprio Senhor, e ficais aqui a discutir adultério? Ristes quando falei que Maria não saía do mercado e falava com todos os profetas enganadores, até com aquele que dá vida à madeira e faz com que a madeira fale. Falastes que a minha pessoa estava a falar o que não existiu. Agora, o que podeis fazer é condenar Maria por blasfêmia.”

1/416 Cego de ódio, objetivando em secreto que Ana muito sofresse, acrescentou vocábulos que não foram proferidas pela ré, que o Senhor a fecundara, somente para que admitissem sua propositura.

1/417 - “Uma acusação de blasfêmia é muito grave”, exprimiu-se o rabino, de temperamento plácido e conciliador.

1/418 O endurecido presbítero redarguiu:

1/419 - “Sabeis o que aqueles que são deste lugar estão a falar? Falo que aqueles que são deste lugar estão prontos para lançar pedras em Maria por ela ter ocultado seu pecado. Devemos ignorar todos aqueles que são deste lugar?”

1/420 Aspirando, por ter conhecido Joaquim, estar distante quando do justificar da infeliz, o propugnador se dirigiu aos demais, incitando-os ao bom senso. Depois, contrapondo-se a Bartolomeu, proclamou:

1/421 - “Falas em lançar pedras quando não houve condenação.”

1/422 Seu colocutor, vingativo como os não exercitantes dos ensinamentos de Deus, com falsa inquietação, inquiriu:

1/423 - “E quanto àqueles que são deste lugar? Não devemos cuidar deles?”

1/424 - “Aqueles que são de nossa gente nunca sabem o que é o melhor para eles. Blasfêmia, adultério ou heresia? A penalidade é a mesma, a morte”, replicou o pessimista arabi em relação a incriminada ser inocentada.<sup>[44]</sup>

---

[44] A lapidação era aplicada às adúlteras -as que praticavam o coito em troca de moedas, desde que denunciadas por um do sexo masculino; as que abandonavam seus cônjuges e fugiam com outro parceiro; as cujos consortes anunciavam terem-na flagrada copulando com outrem, quer fosse verdadeiro ou não; as sem vínculos que vivessem na mesma moradia com o marido da irmã e dele engravidassem sem que o rabino realizasse a união; as que estivessem pejadas sendo solteiras, às que blasfemassem -comentar sobre as Leis Mosaicas em espaço coletivo, ou mesmo admitir conhecê-las; as que asseverassem ter visto ou conversado com o Senhor e às hereges -dirigir a palavra em praça pública a um varão ou dar falso testemunho contra um.

Concernente as que não possuíssem um companheiro e estivessem prometidas, se prenhas fossem do noivo e esse não efetivasse o matrimônio, quase que na totalidade dos casos o pai as degolava; se não a matasse, ficaria sem honra, igual a Joaquim. Se o compromissado optasse pelo relacionamento, declaravam-os enlaçados, chibateavam-os e expulsavam-os dos vilarejos.

As mortes na cruz, para servirem de exemplo, eram condenação exclusiva dos homens -curandeiros, mágicos, agitadores, ladrões e saqueadores que atuassem solitariamente, etcétera, que não obedecessem às Leis dos Herodes ou às dos céasares.

Os sentenciados à fogueira eram os integrantes dos grupos que obravam em oposição ao determinado pelos governantes.

1/425 Enquanto prosseguia a contenda, Maria, solitária onde os prisioneiros eram mantidos, conversava com Deus, confortada pela genitora e por Mateus, que externamente conservavam-se:

1/426 - “Não consigo entender por que os hebreus querem tirar a minha vida e a do Seu prometido, que está a ser esperado por todos, mas se é por Sua vontade, que se cumpra, só Lhe peço que me ajude a ser forte.”

1/427 Mal terminada a prece, surgiram dois sacerdotes. Rispidamente, requisitaram a presença de Ana. Com prepotência, ordenaram que auxiliasse sua caçula a mudar a vestimenta pela que tinham trazido, de coloração preta. Mansa e pacificamente, ambas obedeceram; porém, a em julgamento não retirou o véu branco que portava, pois não lhe fora disponibilizado qualquer outro.

1/428 - “Sei que o Senhor irá me ajudar. Se encontrares José, fala que ele é do meu gosto”, despediu-se da chorosa assistente.

1/429 A viúva do assassinado em Nazaré era a encarregada de dar o ornamento característico de donzela à filha logo que ocorresse o primeiro sangramento; todavia, somente comprovada a gravidez foi que o entregou, e após a detenção. Ao recebê-lo, Maria, em seu juízo de menina, como lhe fora anunciado para usá-lo, pois, se permanecesse sem ele, castigariam-na ainda mais, mesmo sendo ela a mãe do almejado libertador, aceitou-o e a assertiva.

1/430 O que Ana inveridicamente atestara foi para evitar indagações, pois o cárcere não era o recinto apropriado para explicar o que nunca antes tivera coragem.

1/431 Escoltada pelos clérigos, a também protegida de Joaquim deixou a jaula e foi levada para escutar a pronúncia de sua sentença. Pelo caminho, abundantes insultos proferiram os ícolas, que a adjetivavam pecadora.

1/432 A cratera a qual a guiaram-na, utilizada unicamente no dilaceramento das infelizes, era um buraco no chão em forma de funil, com cerca de três metros de profundidade por vinte de diâmetro.<sup>[45]</sup>

1/433 Mateus, por ser o aparentado com mais colheitas de José, desde quando Ana o procurara para relatar o receio da suposta prenhez, dedicava a ela atenção especial, pois o sobrinho mostrava-se omissivo e não se preocupava com os da própria família. Inteirado do porquê de os presbíteros buscarem a encerrada, desesperadamente empreendeu esforços para localizar o relapso varão. Encontrando-o

---

[45] Ao redor da abertura, reuniam avantajados calhaus, com peso por volta de quinhentos grammas, o menor, a um quilo, o maior, que usavam no cumprimento da punição. Quem arremessava o primeiro era sempre o acusador, para, em seguida, os demais também atirarem, até que encobrissem a que fora qualificada como culpada.

A execução durava cerca de quarenta minutos. Geralmente, não era possível reconhecer a vítima, de tão quebrados que ficavam seus ossos. Não havia sepultamento para os que dessa forma morriam: seus corpos eram retirados do local de supliciar por algum familiar e levados ao deserto, para que os abutres se alimentassem.

na carpintaria, agarrou-o pelo antebraço esquerdo e, quase que o arrastando, foi conduzindo-o. Interrogado sobre o que acontecia, respondeu que o tempo se esgotara.

1/434 Chegando ao sítio de suplício, deparou-se com os preparados montículos de diminutas rochas e com a condenada dentro da cava. Ciente da gravidade do momento, não vislumbrando outra opção, propositadamente empurrou o protagonista da aflitiva conjuntura, pelos rústicos degraus, para o interior de onde aplicavam a sanção capital. Ao unigênito de Jacó não restou outra saída a não ser se colocar à frente de Maria, pois o plano que elaborara, falhara. Com seu agir, provocou aos da multidão que aguardava para fazer justiça. Furiosos, gritaram ao que presidia a sinistra solenidade:

1/435 - “Ordena que percam suas vidas.”

1/436 De um ponto estratégico, postados estavam o sacerdote mais velho do Templo de Belém, Bartolomeu e o regente do ritual, o arabi. Esse, como a decisão inerente a tipificação da nefasta falta fora tomada, blasfêmia, a que não advogara, mesmo com José junto da noiva, pegou um dos calhaus mais avantajado que empregariam na lapidação e o disponibilizou ao irascível delator, para que iniciasse o cumprimento da penalização. Com imensurável desfaçatez, o carrasco, fazendo-se de inocente, perguntou, objetivando ser reparado pelos da súcia:

1/437 - “Por que entregas essa pedra para mim?”

1/438 - “Foste aquele que fez a acusação. Falo que cabe a tua pessoa lançar a primeira pedra.”

1/439 Antes, contudo, da licença ser dada, o herdeiro de Jacó, que olhara a Mateus na esperança de que viesse em seu socorro, e como o tio nenhum gesto fizera, agoniado, clamou ao magistrado para palestrem a sós. Bartolomeu, bradando, lembrou ao mais idoso entre os seis de sua classe que o julgamento fora efetuado e que o requestador de privativa audiência devia respeito aos da coletividade, que tinham a prerrogativa de saber o que sucedia.

1/440 Estava o clérigo insaciável por se despicar. Nutria por Ana grande amor, desejando secretamente desposá-la desde a juventude. Preterido em favor de Joaquim, observava a aproximação de Mateus de sua musa. Como não poderia tê-la, satisfazia-se em lhe causar sofrimento.

1/441 Enquanto as duas outras anciãs autoridades mais confabulavam em busca de solução ao pedido, Bartolomeu ofertou o depoimento de alguns dos espectadores, que divulgaram em alto som o que Maria houvera anunciado em público. Falsamente afirmaram que ela se sentenciara compromissada com o Senhor e garantira que José não era o pai do nascituro.

1/442 Definida a conduta a ser adotada, de indeferimento ao pleiteado pelo ex-comparsa de Judá, o rabino dirigiu-se a denunciada instando-a a negar que

o rebento que esperava fosse do Senhor, pois a condenada tinha o direito de se defender.

1/443 Nítidas eram as circunstâncias: caso Maria não reconsiderasse que o fruto de seu ventre seria o prometido aos profetas, declarariam-na culpada por blasfemar; modificando sua anterior assertiva e o unigênito de Jacó se recusando a assumir a obra praticada, feneceria ela como perpetrante de adultério.

1/444 Ana, angustiada e prevendo o desfecho da situação, orientara-a para que ratificasse que a criança era de José, pois tinha conhecimento de que se a responsabilidade pelo ato fosse por ele acolhida, a filha seria poupada.

1/445 Apesar de inundada pelo medo, possuía a jovem a convicção de que seria a mãe do almejado redentor, pois, ainda no dia precedente, o irmão desencarnado lhe corroborara o fato. Determinada, sustentou que não se retrataria, finalizando:

1/446 - “O que falei na praça do mercado é a verdade, como o meu anjo falou. Por que não aceitais?”

1/447 Sem alternativa, pois ela mesma se incriminara, o maestro da lutuosa festividade proferiu:

1/448 - “Falo que a tua vida será tirada pelas pedras que te serão lançadas. Que a morte elimine os teus pecados.”

1/449 Não sentindo nem demonstrando contrariedade ante o veredicto, Maria fez-se escutar por muitos:

1/450 - “Ao Senhor entrego a minha vida.”

1/451 Pronunciada a resolução, o que presidia a assembleia liberou Bartolomeu para que atirasse o letífero artefato, que permanecia em suas mãos. Esse, cinicamente, justificou-se:

1/452 - “Fazes parecer ser vingança.”

1/453 Incontinênti, José avançou três passos e, em tom de voz que alcançou até o mais distante da turba, novamente ao magistrado endereçou seus verbos:

1/454 - “Alego que esta mulher está com a minha pessoa comprometida!”

1/455 Os da multidão reunidos ao redor da cratera, sedentos de sangue, ansiosos pelo espetáculo, urraram:

1/456 - “Lançai pedras nos dois!”

1/457 Aproveitando-se da fúria reinante, o primeiro dos carrascos levantou um dos membros superiores para jogar o avantajado calhau, porém o, no momento, máximo regente, elevando o timbre vocal, o que não era de seu costume, exclamou:

1/458 - “Todas as testemunhas devem ser ouvidas. Conheceis a Lei”, conseguindo que o silêncio imperasse.

1/459 Percebendo na atitude do arabi a única oportunidade de conservar sua vivência, o herdeiro de Jacó suplicou para se explicar em particular. A rogativa sequer foi analisada. Apavorado de morrer lapidado, não que fosse da Lei, mas, sim, pela ignorância dos que se mantinham na expectativa da execução, classificada como distração, mais do que lúcido, bradou ao juiz:

1/460 - “Sei o que Maria falou. Desde que o seu protetor perdeu a vida, ela não tem sido a mesma. Creio que sua cabeça está afetada. Tenho certeza de que quando Maria for minha companheira, posso cuidar para que não volte a acontecer.”

1/461 - “Estás certo do que estás a falar?”, indagou, surpreso, o julgador, ao que José, categórico, solidificou sua vontade perante a coletividade.

1/462 Imediatamente, sem ninguém mais consultar, o impoluto varão emitiu, para frustração de Bartolomeu e dos demais, sua decisão:

1/463 - “Aceito tua palavra. Que Maria seja tua companheira. Como resolveste agir de forma ofensiva para com todos aqueles que são de tua gente, te condeno, e a Maria, a ser punido com o trançado de couro por cem vezes.”

1/464 - “Falo que aquela que se uniu a mim está a esperar uma cria. Peço que passe para mim a sua punição.”

1/465 - “O teu pedido está aceito.”

1/466 A satisfeitíssima autoridade, então, ordenou serem os açoites prontamente aplicados.

1/467 A caçula de Joaquim, frente à assertiva do que fora declarado seu marido avocando a si as chibatadas a ela destinadas, espantou-se. Sem detença, interrogou-se:

1/468 - “Como José sabe que estou a esperar uma cria? Será que o meu anjo falou a ele que serei aquela que trará o prometido?”

1/469 Ingenuamente, concluiu:

1/470 - “Se o meu anjo falou com ele, já estou com o prometido. Sei que José veio me salvar porque o prometido mostrará a todos a verdade que vem do Senhor.”

1/471 Para Maria, o ato do unigênito de Jacó patenteava seu acreditar no que ela proferira e seu assentir em a auxiliar a educar o anelado redentor.

1/472 Presenciando o transcurrir dos fatos, Mateus e Ana, após o pronunciamento do rabino, temendo a reação dos da vaga humana, sempre insuflados pelo rancoroso Bartolomeu, adentraram rapidamente no buraco e recuperaram a indultada, que assegurou à mãe:

1/473 - “Sei que o meu anjo falou com José. Ouviste o que ele falou?”

1/474 Ante o silêncio de ambos, complementou:

1/475 - “José falou que estou a esperar uma cria.”

1/476 A viúva de Joaquim, conhecedora da inocência que predominava em sua interlocutora, procurou chamar a atenção para as modificações que ocorriam no seu corpo. Essa, no entanto, questionou:

1/477 - “Mas o que está a mudar?”

1/478 Nunca antes conversara com a filha sobre assuntos de mulher. Timidamente, empenhou-se em lhe evidenciar o estado:

1/479 - “Olha para teu ventre, está a crescer. Se teu ventre está a crescer, é porque terás uma cria.”

1/480 - “O que meu anjo falou é a verdade. Falo que serei aquela que trará a este mundo o prometido pelo Senhor”, afiançou Maria, sorrindo para a genitora, que nada mais tentou esclarecer-lhe.

1/481 O herdeiro de Jacó foi colocado abraçado a um grande mourão de pedra, com um metro e setenta de altura, tendo seus pulsos amarrados e a túnica rasgada para que exibisse as costas.<sup>[46]</sup> De rosto colado a estaca, começou a receber os golpes. Até o de número cento e vinte, os sentiu consciente; todavia, por desfalecer, nada mais experimentou do pungente castigo. Retirado pelo tio, foi transportado para sua residência, despertando depois de três dias.

1/482 Os incultos espectadores do espetáculo deliravam em cada manifestação de dor, decepcionando-se e se ausentando, quase que na totalidade, quando o espancado desmaiou, pois perdera a graça. Exclusivamente após que os da turba partissem é que o flagelado poderia ser resgatado do lancinante sítio de agonia.

1/483 Os profundos ferimentos de José foram tratados por Ana, e somente por ela, que não permitiu que dele a filha se aproximasse. Quando o áspero hebreu recobrou a razão, ao ver a cômica, irritado, ordenou que saísse de sua choça. A dócil mulher, por ter acolhido que conviveria com o amado, o qual colaboraria nas soluções das dificuldades que eventualmente teria com o mais que aguardado libertador, não compreendeu o porquê dos duros verbos. Ao esposo perguntou o motivo. Esse, pela terrível e injustificada mágoa que o governava, nada explicou, unicamente reafirmou que fosse embora. Assumira ele perante os de Belém o rebento que não considerava seu, não diante a Maria.

1/484 Deixando o abrigo do qual fora expulsa, a caçula de Joaquim buscou pelo local em que encontrava sossego, seu refúgio terreno, a gruta onde passava horas a palestrar com o pai. Até alcançá-la, foi insistentemente insultada pelos do vilarejo. Dirigiam-lhe gritos e xingamentos, alguns atiraram pequenos seixos:

---

[46] Designavam os mantos que cobriam os corpos dos homens de **túnicas**, e de vestes o das mulheres.

1/485 - “Adúltera, pecadora! Blasfemaste contra o Senhor. Não podes ficar entre aqueles que são deste lugar.”

1/486 Mesmo no epicentro da balbúrdia, Maria escutou a orientação do enviado por Deus:

1/487 - “Digo que vás para a moradia de Zacarias.”

1/488 Pelas circunstâncias, foi obrigada a se conservar na marcha cujo destino era a furna. Quando em seu interior, postada no exato espaço no qual primeiramente avistara a figura de quem, então, confiava imensuradamente, por ele clamou, pois deslocar-se sem o marido era inusual e perigoso:

1/489 - “Se aparecesses de novo, saberia o que fazer. Não aceitam o que falo e não sei o que fazer. Quero fazer a tua vontade, mas como posso fazer só, sem José? Se me falasses o que fazer!”

1/490 Contudo, reconheceu que lhe fora descortinado como proceder. Incontinênti, solitária e sem qualquer provisão, rumou para Veneram, não noticiando ninguém de sua decisão.

1/491 Percorrera metade da desértica vereda quando, exausta, sentindo o forte calor, com sede e fome, encostou-se em uma enorme rocha e sofreu uma síncope. Reavendo a faculdade de pensar, ainda sonolenta, permaneceu à sombra da mesma, sem ânimo de prosseguir. Foi quando o mensageiro ressurgiu, chamando-a por duas vezes:

1/492 - “Deus está a olhar para tua pessoa. Digo que Ele não te desampara e está a cuidar para que Sua promessa seja cumprida. Crê em Deus, e conseguirás. Levanta e continua tua caminhada para a moradia de Izabel, onde terás paz.”

1/493 Revigorada, retomou a árdua jornada, que durou doze dias. Alimentação e água foram-lhe fornecidas por mercadores de duas caravanas que viajavam com suas companheiras e filhos. No décimo raiar do Sol, fartou-se de mel obtido na cabeça da ossada de um camelo, que a revitalizou até que aportasse junto da tia, que iniciava o sétimo mês de gravidez.

1/494 Era 2 de Dezembro de 11 a.C.. Findado mais um período de trabalho, Zacarias, que comunicara apenas ao irmão e à consorte, mantendo-se calado para com os demais que o cercavam acerca da programação do em gestação, dormitava agradavelmente quando Gabriel voltou a se manifestar. Com rapidez, anotou o que lhe foi articulado e retornou a cochilar. Izabel, secundada por Zaqueu, aproximou-se objetivando convidá-lo para jantar. Ela, observando junto dele o pedaço de couro, postulou ao cunhado que o lesse, pois não o sabia:

1/495 - “Aquele que é um anjo do Senhor falou que meu protegido será um homem de poder em espírito, como Elias, e que irá preparar todos aqueles que são de minha gente para a chegada do prometido pelos profetas.”

1/496 No mesmo instante, a prestes a dar a luz, considerada pelos da época velha para tanto, garantiu:

1/497 - “Então, a chegada daquele que foi prometido pelo Senhor deve ser logo. Mas quando?”

1/498 Não ofertando tempo para que o inquirido opinasse, apregooou:

1/499 - “Se o Senhor nos desse um sinal! Falo que somos tão abençoados ...”, não terminando o raciocínio, pasmada que ficara com um vulto que se avizinhava e que parecia ser uma mulher.

1/500 Persistiu a fitá-lo, com atenção redobrada. Sem dúvida, era uma hebreia. Como poderia, sozinha, aventurar-se a atravessar o deserto? Quando a que vinha de fora mais perto ficou, admitiu, pelo jeito de andar, ser Maria, pois visitara Ana, sua irmã, havia menos de duas colheitas.

1/501 Celeremente socorreu a sobrinha, conduzindo-a para dentro do casebre, e se inteirou, juntamente com Zacarias e Zaqueu, da versão da garota para os acontecimentos em Belém.

1/502 Ciente da prenhez da corajosa nazarena, em secreto e de imediato aquiesceu que ela seria a genitora do almejado redentor. Como solicitara a Deus uma prova, acreditou que a presença da aparentada, que caminhara desacompanhada pelo mar de areia, fosse a demonstração do que pedira, pois Ele certamente a auxiliara no trajeto; caso contrário, teria fracassado.

1/503 Maria se pôs a colaborar nos afazeres domésticos, no trato dos animais, etcétera, tornando-se frequente junto da tia. Transformando em confidente quem lhe abrigava, com tenacidade afiançava que de si viria o libertador.

1/504 Não obstante ter aceitado como aceno do Senhor a estadia da vinda de Ana em Veneram, Izabel ficou intrigada com a assertiva, visto que a jovem, pelo que abrangera, não tivera relações íntimas com o marido. Curiosa, mas com cautela e prudência, indagou à sua hóspede pormenores da história. Apesar de relatar o sucedido desde que o unigênito de Jacó regressara, após ter abandonado Judá, por desconhecer a imperiosidade de um varão compartilhar da geração de um bebê, a filha de Joaquim omitiu parte dos fatos, mas com peremptoriedade assegurava que por ela é que o salvador viria ao mundo. Ante ao narrado, a esposa de Zacarias questionou-a:

1/505 - “Como estás a esperar uma cria, se nem um só homem te tocou?”

1/506 Não contendo o sorriso, complementou:

1/507 - “Algum homem se aproximou da tua pessoa?”

1/508 - “Falo que foi só José.”

1/509 - “Como foi que José se aproximou da tua pessoa?”, prosseguiu Izabel, dado que, obviamente, tinha noções concernentes à fecundação.

1/510 A menina, então, expôs com detalhes, inclusos os encontros, pelas tardes, no lago, o transcorrido.

1/511 - “Falo que José é o protetor da cria que está em teu ventre”, categoricamente afirmou a também grávida hebreia, para a descrença de sua colocutora.

1/512 Essa, depois de longas conversas, compreendeu o que lhe adviera. Abarcou que o fruto de seu útero seria o anelado servidor e, igualmente ao da tia, era filho de Deus, entrementes, não fora concebido por Ele. Somente a partir do explicado foi que finalmente inferiu que o herdeiro de Jacó, quem muito amava, era efetivamente o pai do feto que carregava. Alegrou-se porque ele não mais careceria representar sê-lo, distintamente do que fizera Joaquim, para ela, com imensurável satisfação, com referência a Azam.

1/513 Izabel, em 20 de Dezembro, teve sangramento e, até o parto, manteve-se em repouso quase que absoluto.

1/514 Maria não mais avistou, sequer escutou, o seu nem sempre visível amigo. Orava constantemente, ato que desde tenra idade incorporara ao seu viver. Em uma manhã, enquanto costurava, clamava em voz alta:

1/515 - “Que o Senhor me ajude a ser uma boa mãe para minha cria, que me mostre tudo o que necessito saber e que proteja José.”

1/516 Candidamente, concluiu:

1/517 - “Se for da vontade do Senhor, que José seja o protetor da minha cria.”

1/518 Por notar estar a sobrinha consertando a própria indumentária, a cônjuge de Zacarias pensou consigo mesma:

1/519 - “Será que Maria sabe que a cria que está em seu ventre virá morta?”

1/520 Acercando-se dela, perguntou o que fazia.

1/521 - “Estou a coser minhas lágrimas. Meu protetor não iria querer que a minha pessoa continuasse com a lã negra na veste por mais tempo”, meiga e pausadamente se justificou.<sup>[47]</sup>

1/522 Por imaginar que a caçula de Ana fixava uma nova faixa para patentear a dor que lhe dominava pelo rebento que nasceria sem vida, Izabel, conscientizando-se de que cerzia por Joaquim, concordou e acrescentou:<sup>[48]</sup>

---

[47] Apesar de transcurados sete anos do passamento do protetor, Maria permanecia de luto, pois seu desgosto não cessara.

A indumentária utilizada pelas mulheres quando enlutadas tinham faixas pretas costuradas, em forma de xis, que iniciavam na altura dos ombros e terminavam nos pés, somente retiradas quando não mais existisse pesar. Ao ato de removê-las, davam o nome de **coser suas lágrimas**.

[48] Caso uma hebreia que tivesse nas vestes a indicadora tira perdesse outro ente querido e por ele se conservava atribulada, suturava, junto da primeira, mais uma para simbolizar o que sentia.

Outrossim, sentenciavam que a criança adviria morta quando ocorresse sangramentos em excesso, ficando a barriga flácida.

1/523 - “Tens ainda outro motivo para deixares de usar lã negra na veste: aqueles que têm muitas colheitas falam que, quando uma cria está no ventre, o Senhor lhe fala sobre tudo o que há no universo, mas, quando chega ao mundo, um anjo do Senhor coloca o dedo em sua boca e ela esquece tudo o que o Senhor falou. Como a tua cria será um profeta enviado do Senhor, Ele permitirá que ela se lembre de tudo.”

1/524 Abrangendo o proferido, Maria indagou:

1/525 - “O que será que a cria que trago em meu ventre fará neste mundo?”

1/526 Sua interlocutora, possuidora de nobres sentimentos, manifestou-se com incontestável resignação:

1/527 - “Está além do meu entendimento, mas sei que és abençoada. Aceitaste o que o Senhor te falou que faria e nunca te esqueceste.”

1/528 Sem nenhum orgulho por ser a genitora do redentor, prosseguiu a consorte do unigênito de Jacó:

1/529 - “Sei que a minha cria é aquele que foi prometido pelo Senhor e que, de alguma forma, irá mudar este mundo. Tinha no meu interior que iria entender como ele mudaria este mundo, mas sei que não entenderei. Tens no teu interior que ele será um rei, como o rei Davi?”

1/530 Recordando-se do que fora predito ao marido sobre o feto em seu útero, Izabel opinou:

1/531 - “Não sei se serão reis, mas sei que serão lembrados para sempre.”

1/532 Findada a conversa, por estar de resguardo, pleiteou a aparentada que providenciasse a limpeza da pedra do sacrifício e água para o recipiente onde lavariam as mãos, visto ser dia do ritual em que um anho pereceria.

1/533 Prestativa, Maria procedeu como solicitado.

1/534 Efetuada a tarefa, eis que adentrou Zaqueu com o animal do qual ela cuidara, cuja mãe morrera quando de seu nascimento. Contrariada, inteirada do fado da inofensiva alimária, questionou:

1/535 - “Entre tantos, por que elegeste este cordeiro?”

1/536 - “Aquele que elegeu este cordeiro foi Zacarias, não a minha pessoa.”

1/537 O último fruto de Ana dirigiu-se até ao rabino e, narrando-lhe o sucedido, foi elucidada de que o filhote era o mais indicado, por ser o único órfão; que, caso fosse qualquer outro, o leite da respectiva geradora secaria, o que prejudicaria as crianças. Inconsolada com o articulado, teve que ser retirada do ambiente; porém, por uma fresta, olhava o desenrolar da cerimônia, chorando copiosamente.

1/538 Zaías, o encarregado da parte externa, com o intuito de suavizar seu padecimento aventurou-se a confortá-la:

1/539 - “Não deves sofrer pelo cordeiro. Ele deve ser sacrificado pelos pecados de todos aqueles que são de nossa gente. Falo que é uma oferta ao Senhor, que irá enviar a todos nós aquele que prometeu.”

1/540 Concluiu o ancião o que decretava ser lido:

1/541 - “Aquele que foi prometido pelo Senhor irá levar os pecados daqueles que são de nossa gente e como um cordeiro será sacrificado.”

1/542 Escutando-o, Maria não se conteve e, gritando que não poderia ser, tentou ingressar no local. O bondoso velho quase que não a dominou. Apesar de ter ciência das Leis e do que os profetas anunciaram, desconhecia que ela estava grávida justamente do almejado libertador. Sem abarcar a reação a trivial prática, proclamou:

1/543 - “Está escrito que aquele que foi prometido pelo Senhor irá ser sacrificado. Não deves deixar que o sacrifício daquele que foi prometido turbe o teu coração. Falo que ao ser sacrificado, aquele que foi prometido irá salvar todos aqueles que são de nossa gente.”

## 1-8.1

1/544 Dois dias após o desaparecimento de Maria, José, omitindo o destino, avisou o primogênito de Sara que partiria. Impercebido, seguiu junto de alguns zelotas sem se despedir de mais ninguém, despreocupado com a sorte da indesejada cônjuge.<sup>[49]</sup> Mateus, diferentemente do sobrinho, muito empenhou-se em achá-la. Junto aos mercadores buscava notícias de ambos. Sobre o desajuizado varão, uns divulgavam que falecera, outros, que nada sabiam; todavia, em relação à protegida de Joaquim, absolutamente nenhuma informação. Desesperançado, igualmente a Ana e Simeão José, admitiu que fora ela assassinada por um dos do vilarejo que não acolhera o desfecho da situação, o que era comum a uma infratora dos preceitos Mosaicos, ou raptada pela sua beleza, como muito acontecia.

1/545 Por urgir dar sequência à sua vivência, arvorando-se em guardião dos filhos de José, e por estar enamorado da viúva que o hospedava, requereu do atuante arabi quando do julgamento autorização para com ela se unir.<sup>[50]</sup> Do respeitado carpinteiro de Belém, que se vinculara afetivamente a Rebeca, herdeira de um rico negociante, quem de fato era o responsável, conforme a tradição, pelos irmãos mais novos, os sentenciados gêmeos, logrou o consentimento para que o acompanhassem, e a avó.

---

[49] **Zelotas:** os devotos do prometido.

[50] Foi necessária a permissão, pois Ana era de responsabilidade de José, o qual desaparecera.

1/546 Marta, com sete aniversários, meiga e doce como a tia e madrasta, muito empregada na faina doméstica pela feita cunhada, aceitou sem reclamação a mudança. No entanto, Judas revoltou-se profundamente em rumar para a Galileia, porque na residência chefiada pelo irmão uterino, a fartura imperava.

1/547 Matrimoniado com Ana, Mateus, regresso a Nazaré, juntamente com seu caçula continuou comercializando melões; entrementes, com a experiência da parceira na atividade, passou a produzi-los. No início de Janeiro de 10 a.C., um caravaneiro, respondendo suas indagações, posicionou-o do paradeiro da enteada. Com a descoberta, atentando para o desalento da esposa quando aravam a terra, perguntou-lhe se iria regozijar-se em ter com a filha. Com solidez, a hebreia assegurou que não, pois o fruto de seu ventre seria favorecido se permanesse em Veneram junto à irmã, possuidora, por em seu íntimo ser genuíno, de condições para orientá-la no que sobrevinha quando se tornava mulher. Constristada, prosseguiu:

1/548 - “Não soube entender Maria no momento em que ela mais necessitava da minha pessoa. Por Isabel estar a esperar uma cria, Maria encontrará melhor companhia nela do que em mim.”

1/549 Em um tom de doce interrogação, concluiu:

1/550 - “Será que é a vontade do Senhor as duas estarem a esperar crias ao mesmo tempo?”

1/551 - “Por Isabel, que tem muitas colheitas, estar a esperar uma cria, tenho no meu interior que é pela vontade do Senhor.”

1/552 O casal, volvendo do campo no encerramento de mais um dia de labuta, foi comunicado, por intermédio de Judas, da presença, na povoação, de José. De imediato, Mateus procurou pelo sobrinho no tugúrio que esse utilizara como local de trabalho quando estivera enlaçado à Sara. Inteirando-se de que se ocultava na moradia havia duas semanas, não se refreou:

1/553 - “Que protetor saíste! Além de teres ido de Belém sem nada falares a mim, não falaste com teu pequeno protegido. E Maria? Fizeste a minha pessoa ficar com vergonha por falar que ela estava a esperar uma cria do Senhor, e se não bastasse, ainda a deixaste. Não é o que um homem de bem faria e não creio que teu protetor iria aprovar.”

1/554 Irrefutavelmente convincente, decretou:

1/555 - “Deves ir ao encontro de Maria e reparar teu erro. Vai, que cuido de tudo. Se não fores em busca de Maria, te pregarei na cruz, e que o Senhor me perdoe se a minha pessoa estiver em erro, e a tua certa, o que não tenho como verdade. Maria é inocente demais para fazer o que falaste que fez. Vai, antes que a minha pessoa faça o que não deve”, relatando-lhe onde a consorte estava.

1/556 Pasmado ante a atitude do tio, que demonstrara com energia a deter-

minação que lhe era peculiar, em obediência, quem descendia de Jacó, sem proferir uma única palavra, afastou-se. A Ana pediu que lhe arrumasse água e algum alimento. Preparado, ele, que com as veredas do deserto estava sobejamente familiarizado, a contragosto dirigiu-se para Veneram.

## 1-9

1/557 Enquanto caminhava, questionava-se em como seria recebido por Zacarias, pois acreditava que a caçula de Joaquim lhes narrara o sucedido. Procurava-a apenas por inferir que Mateus, para os da época considerado velho, consequentemente, um indivíduo detentor do respeito alheio, cumpriria a ameaça. Seu receio maior era de que o rabino, também idoso, agisse com análoga firmeza que o aparentado.

1/558 No pequeno vilarejo, foi recepcionado por Zaqueu. Esse, cientificado da identidade e do escopo do estrangeiro, conhecedor de suas ações, inquiriu-o sobre o que desejava com a meiga hóspede.

1/559 - “A minha pessoa só quer falar com Maria”, respondeu secamente o impolido José, nada mais acrescentando.

1/560 O prestimoso atendente, sem outra opção, solicitou-lhe que aguardasse e adentrou para avisar o irmão. A igualmente grávida, que auxiliava no parto da tia, dado que o almejado herdeiro, no exato instante, despertava para a vida de carne, escutando a notícia, maravilhou-se. Impossibilitada de se ausentar, imensamente feliz continuou no desempenho da atividade que exercia.

1/561 16 de Janeiro de 10 a.C., treze dias antes de serem completados os nove meses da concepção, marcou o nascimento do unigênito de Izabel e Zacarias.

1/562 O corriqueiro evento foi o primeiro de que Maria participara, o que a deixou muitíssimo impressionada e assustada. Quando fora do ambiente, com Zaqueu comentou que com o filho dela seria distinto, porque era o prometido aos profetas. Rindo com a candura de sua interlocutora, ele a esclareceu:

1/563 - “Falo que todas as crias vêm da mesma forma, e que é melhor aprenderes.”

1/564 Sem graça, a menina explanou sua opinião acerca do rebento que acabara de vir ao mundo físico:

1/565 - “Ele é tão mirrado que não dá nem para pegar. Essa cria não irá em frente. Nunca vi uma cria tão magra.”

1/566 Zaqueu novamente a orientou:

1/567 - “Falo que toda cria chega mirrada e magra, muito necessitada de cuidados daquela que carregou ela em seu ventre.”

1/568 Arrematou, relevando:

1/569 - “A cria de Izabel é magra, mas tem força.”

1/570 Curiosa, Maria indagou-lhe como é que convictamente garantia sobre a saúde do recém-advindo. O experiente varão, impregnado de erudição popular, fez-se claro:

1/571 - “É que a cria de Izabel já sabe gritar e, como tem boa garganta, parece que vem só para falar.”

1/572 José, que saíra para se refrescar e tomar água, ao regressar, demandou a Zaqueu que chamasse Zacarias. Esse, acompanhado pela esposa do forasteiro, foi por ele posicionado do objetivo da jornada que empreendera. Somente após um aceno, tido como autorização, é que o ex-sedicioso se dirigiu a protegida de Joaquim.

1/573 - “Foi o Senhor Aquele que te mandou”, enfatizou Maria.

1/574 A sós, fora da moradia, José segredou-lhe que aspirava educar o bebê que dela viria como se fosse seu legítimo genitor, que não mais importava o que acontecera. Apagando o radiante sorriso de seu belo rosto, a caçula de Ana, abaixando a cabeça, perguntou:

1/575 - “E o que fiz?”

1/576 - “Falo que não mais deixo de gostar da tua pessoa pelo que fizeste.”

1/577 Finalizou Maria seu raciocínio:

1/578 - “Ainda não aceitas o que falo.”

1/579 Com o orgulho ferido pelo que julgava ter ocorrido entre ela e o mágico, insistindo em se colocar como superior, o altivo hebreu declarou que o episódio nada mais significava. Na realidade, cansado da vivência vagante, pretendia se estabelecer em Nazaré; entretanto, se não retornasse com a consorte, acreditava que Mateus cumpriria as ameaças. Em difícil situação, tentou iludi-la, proferindo que a amava. Para sua surpresa, a inocente jovem respondeu com energia:

1/580 - “Gostas de mim, que falas ser uma mulher sem respeito? Não me terás junto da tua pessoa até que creias em mim.”

1/581 Ao perceber que se excedera, que, se não mudasse o proceder, ela permaneceria em Veneram, José dissimulou:

1/582 - “Falo que não consigo viver sem a tua pessoa.”

1/583 - “Gosto da tua pessoa mais do que da minha vida, mas entendo que a vida que tenho não é minha. Não sei o que fiz para o Senhor me eleger, e o Se-

nhor te elegeu, o que sabes ser a verdade, porque, de outro modo, não estarias aqui”, manifestou-se Maria, não mais enganada com falsos vocábulos.

1/584 Em um rasgo de lucidez, o herdeiro de Jacó concluiu que sua minúscula certeza não era incontestável, pois ela agia com a mais absoluta das firmezas. Reconhecendo ter sobejado, confessou:

1/585 - “Peço para me perdoares.”

1/586 - “Falo que não há nada para perdoar.”

1/587 Pouco menos empedernido, qual nunca estivera, José expôs seu iniciante, mas veraz sentimento:

1/588 - “Quero ser o melhor protetor para a tua cria. Quero gostar dela, quero ensinar para a tua cria tudo o que sei.”

1/589 - “Por que não aceitas que o Senhor te elegeu para ser o protetor daquele que prometeu aos profetas?”, persistiu Maria, ansiando que o marido acolhesse seus verbos.

1/590 O único da prole de Jacó prosseguia padecendo seu drama particular. Produzira a talentosa explicação para a indesejada prenhez e intimamente decretara que sua vítima, por ter perdido a razão em virtude do sucedido, vivenciava a farsa que engendrara. Tinha, ainda, como autêntico, o envolvimento de sua colocutora com o ilusionista, presunção que o cegava.

1/591 Além do receio que o dominava em relação ao comportamento do tio, convencido de que seus atos prejudicaram a mente de Maria, requestou-lhe, com sinceridade, que o auxiliasse a acatar que o nascituro era o anelado salvador. Ela, fiel a Deus como sempre fora, mansamente afirmou:

1/592 - “Não sei como te ajudar, mas sei que o Senhor pode. Por que não buscas ajuda com o Senhor? Falo que só depende da nossa fé no Senhor para recebermos Sua ajuda de que necessitamos.”

1/593 Terminada a conversa, adentraram para que José divisasse o neonato. Enquanto externamente proseavam, Zacarias, eufórico com o advento de seu primogênito, segurando-o no colo, exibia-o aos que esperavam sua chegada, sob o olhar preocupado de Izabel, que solicitou cuidados para com o bebê. Feita a apresentação, estando a criança de volta para junto da genitora, eis que surgiu Maria no recinto. Com alegria, ela anunciou o esposo e ficaram penhorados a Deus pela sua presença.

1/594 Novamente com o filho em seus braços, o rabino mostrou-o ao herdeiro de Jacó, que lhe inquiriu:

1/595 - “Como será chamado o teu protegido?”

1/596 Foi a que recém-parira, antecipadamente informada do antropônimo do fruto de seu útero, que, diante do extasiado Zacarias, divulgou:

1/597 - “Falo que a minha cria será chamada João.”

1/598 A cunhada, solteira, irmã mais velha do cônjuge, que com eles vivia, não satisfeita com a escolha, asperamente opinou:

1/599 - “João? Não há um só João em nossa família!”, apartando o nenê do pai, devolvendo-a a mãe, que continuava de resguardo.

1/600 Incontinênti, dirigiu-se ao benfazejo pastor objetivando que ele validasse ou não a assertiva de Izabel. Fitando-o, interrogou-lhe:

1/601 - “Como chamarei aquele que é teu protegido?”

1/602 Quem socorria inúmeros dos molestados pela tirania dos Herodes, deslocou-se até Izabel e, serenamente, ratificou:

1/603 - “Falo que este é João.”

1/604 Contentíssimo, olvidado da recomendação de Gabriel, ante pasmo da plateia, apregooou:

1/605 - “Louvado seja o Senhor, que está a enviar o poderoso prometido aos profetas, que descende de Davi, e meu protegido vai preparar o caminho para ele. O amanhecer dos céus está a se abrir e irá iluminar aqueles que vivem nas trevas. Falo que o prometido aos profetas levará todos aqueles que são de nossa gente pelos caminhos do Senhor.”

1/606 Não somente Zacarias, mas os demais hebreus tinham Davi como exemplo de retidão. Acreditavam que o respeitado soberano fora ensinado por Deus para governá-los, e que O próprio sempre permanecera junto dele. Portanto, nada mais natural que o libertador pertencesse à nobre linhagem. Asseveravam que o Senhor também orientava o redentor, que reinaria absoluto.

1/607 Findado o evento, José se ausentou do ambiente, secundado da calada consorte.

1/608 Quando a noite chegou, ainda se sentia a quentura do dia. Com o forte calor imperante, o unigênito de Jacó deitou-se fora da choça, em uma esteira confeccionada com a cana do trigo colocada sobre o chão batido. Sonolento, escutou seu nome ser articulado por duas vezes. Tentou pôr-se de pé, mas fracassou; buscou descerrar as pálpebras, e não obteve êxito. Na terceira, abrangeu o lhe revelado:

1/609 - “Não temas em aceitar Maria como tua companheira. Digo que Maria traz no ventre aquele que foi prometido pelos profetas.”

1/610 Resoluta, a voz prosseguiu:

1/611 - “Digo para chamares de Jesus aquele que será teu protegido.”

1/612 Com cristalinidade, complementou:

1/613 - “Digo que aquele que está para vir a este mundo será um homem de sabedoria, o mais sábio que já esteve nesta morada, e anunciará os ensinamentos de Deus a todos os povos.”

1/614 Procurou em seu contorno e a ninguém encontrou. Imaginou ter devaneado; porém, firmou em sua mente que fora, sim, um aviso do Senhor. Lepidamente, ingressou onde a cômjuge dormia. Em alto tom vocal, exprimiu seu agradecimento a Ele:

1/615 - “Fico grato, Senhor, por me salvar. Tenho sido tão pecador, cheio de orgulho, e agora sei por que fui humilhado. Não consigo crer que fui o eleito entre todos aqueles mais dignos. Senhor, ajude a minha pessoa a ser um bom companheiro para Maria, a cuidar daquele que virá dela, como foi determinado, e a seguir a Sua vontade em tudo.”

1/616 Após o recebimento da mensagem, empenhou-se com afinco no desvelo à criança que nasceria, contudo, enquanto viveu, enjeitou ser o pai. Amou-a profundamente, não porque fosse o servidor, mas sim por ter sido conquistado pela meiguice, carinho e atenção demonstrados pelo filho.

1/617 Constatando que a caçula de Joaquim despertara com o som de sua prece, manifestou-se, decididamente:

1/618 - “Falo que vou te levar para minha moradia.”

1/619 Partiram no alvorecer, sob protesto de Zacarias, que não anuía que a engravidada, no sexto mês de gestação, viajasse no lombo de um asno.

1/620 Depois de vencerem com dificuldades a jornada de vários dias, penetraram em Nazaré de madrugada.<sup>[51]</sup> Dirigiram-se para onde José coabitava com Sara, local que utilizariam como residência, bem como em que o cabeça do casal exerceria sua profissão. Ao adentrarem, Judas nela descansava tranquilamente.

1/621 Excepcionalmente, o costumeiro momento do levantar não foi notado pelos recém-aportados. Ao acordar, a felicidade inundava Maria. Aprontou-se para rever a mãe; entretanto, ao sair do novo lar, diversas mulheres a aguardavam. Sobressaltou-se e gritou pelo marido, pois desagradáveis lembranças do que ocorrera em Belém remanesciam em sua memória. Ele que, ainda exausto, repousava, pois além de ter puxado o jumento, carregara nas costas parte da bagagem, apareceu no passadouro que conduzia ao exterior do tugúrio. Imediatamente, para sua surpresa, antes que perguntasse o que as da tropa desejavam, elas se ofereceram para auxiliar no que fosse preciso. Uma limpava as pragas, outra transportaria água, lavaria as túnicas, etcétera. Mesmo não inferindo o

---

[51] Nazaré, como a quase totalidade dos demais vilarejos da Galileia, era muito pequeno. Possuía, em seus limites, em torno de duzentos e cinquenta indivíduos.

porquê da súbita generosidade, sorriu, pediu às voluntárias que com a esposa se ajustassem e rapidamente se retirou, à procura de Mateus, não sem observar o avizinho da sogra, que ligeira e desembaraçadamente caminhava.

1/622 Ana, inteirada do boato que preencheria Nazaré, idealizando que o pesadelo recomeçaria, chegava em desespero.

1/623 Mas quais rumores?

1/624 Inconformado com a mudança de cidade, Judas, o primeiro a saber da presença de José e de Maria, urdiu uma maneira de fazer com que volvessem para junto de Simeão José. Logo ao surgirem os raios do Sol, postou-se no poço em que se abasteciam do precioso líquido e espalhou que tia e madrasta teria um filho cujo protetor era o Senhor. Se pretendessem vê-la, era ir à habitação de seu genitor. Acreditou que, com sua ação, os de Nazaré, tomando ciência do sucedido em Belém, igualmente se revoltariam e os expulsariam. Em seu pensar, teriam que voltar para onde haviam sido julgados e nada mais, incontestavelmente, de ruim lhes adviria.

1/625 O proceder do menino, que não completara oito primaveras, foi em virtude de haver perdido o conforto que somente o irmão uterino poderia lhe dar, acrescido de haver caído nas graças de Rebeca, que se comprometera a lhe providenciar um professor, o que não seria possível distante dela.

## 1-10

1/626 Em Nazaré, nada de anormal aconteceu para perturbar as horas de Maria. Suas conterrâneas acudiam-na nos afazeres domésticos; Marta e Judas, que com o pai e ela vieram morar, pouco trabalho davam. O cônjuge que, com a colaboração do aparentado, findara a montagem da carpintaria, praticava seu ofício.

1/627 Certo dia, verificando alguns dos comandados de Antipas realizando o cadastro, do qual comentários escutara, José indagou a Mateus:

1/628 - “Por que estão a fazer o censo?”

1/629 - “Falo que são pelos impostos. Não sei o que mais podem querer daqueles que são de nossa gente.”

1/630 Desanimado com as inevitáveis consequências que abarcara resultar do ato, concluiu:

1/631 - “Falo que depois do censo, os Herodes irão saber quantos hebreus existem.”

1/632 Como era do conhecimento geral, cada varão deveria ser registrado em seu vilarejo natal. Por ser obrigatório, asseverou o ex-sedicioso:

1/633 - “Terei que ir a Belém para o censo.”<sup>[52]</sup>

1/634 Com a peculiar autoridade, o respeitado interlocutor discursou sobre o longo trajeto que enfrentaria. Por ser costumaz que as mulheres acompanhassem os maridos aonde quer que fossem, sentenciou:

1/635 - “A cria da tua companheira está para chegar. Falo que ela não pode seguir com a tua pessoa.”

1/636 Concordando com o prudente posicionamento, o unigênito de Jacó participou a esposa da urgência em se ausentar e, solitariamente, em razão de que a penosa caminhada não faria bem ao nascituro. A despeito de Maria muito insistir em escoltá-lo, manteve a ajuizada decisão.

1/637 - “E se a cria chegar e estiveres longe?”, questionou-o a consorte, sem outro argumento para o convencer.

1/638 Firme na determinação de que ela carecia ficar em Nazaré, notificou-a de que conversara com Ana e Mateus e que o auxílio que, porventura necessitasse, seria-lhe fornecido se o parto ocorresse antes do seu regresso.

1/639 Não pela usual estrada, mas sim pelo deserto, pois não o temia, partiu para o lugar em que o enteado fixara residência, dado que era profundamente familiarizado com as sendas nos ermos torrões, que adquirira nas muitas colheitas que passara junto do rebelde Judá.

1/640 No terceiro dia da exaustiva marcha, encontrou majestoso acampamento. O primeiro que avistou foi Demétrio, quem desencadeara seu instinto de posse em relação à, na época, cunhada. O mágico era o guia de um importante negociante, Baltazar, que, por ser riquíssimo, classificava-se rei e como tal, pelos que com ele conviviam, era chamado. Convidado pelo monarca para a segunda refeição, inteirou-se de que o objetivo dos da caravana, igualmente, era Belém.

1/641 O mercador, de origem egípcia, em sua juventude, quando viajava com os seus, fora capturado e transformado em escravo. Alforriado, amealhou considerável fortuna e nunca mais voltou à terra dos seus ancestrais.

1/642 Consciente, em minúcias, do produzido, até então, sobre o advento do prometido, divulgou Baltazar que para a anunciada cidade, no célebre vaticínio, locomovia-se, pois desejava estar por perto quando do inesquecível momento. Apontando o corpo celeste hodiernamente denominado planeta Júpiter, que, com brilho ímpar, luzia absoluto na noite estelar, proclamou que havia anos que o fiscalizava e que, em virtude de seu alinhamento, alguém muitíssimo sábio e

---

[52] Os dominados deveriam participar do registro em seu povoado natal, desde que, obviamente, nele fora instalada uma coletoria. Como em Hiatta não havia angariadores de impostos, mas por serem as terras pertencentes a Herodes, o grande, e por em Belém o tetrarca também possuir moradia de mando, como se exprimiam, para o vilarejo onde Maria fora julgada José se dirigiu.

poderoso viria ao mundo. Peremptório, garantiu que era quem, também, ansiosamente aguardava.

1/643 José, precavidamente, nada comentou atinente ao que sabia. Mais tarde, rememorou o que Maria glosava acerca das narrativas de Joaquim quando ela era menina: à chegada do redentor, as tribos espalhadas por Israel se reuniram para mimoseá-lo.

1/644 Ao término do jantar, o acidental comensal agradeceu ao acolhedor soberano, despediu-se civilizadamente de Demétrio e prosseguiu sua jornada.<sup>[53]</sup>

1/645 Quando em seu destino, foi diretamente ao local do cadastro, situado na praça central.<sup>[54]</sup> Comunicou ao comandado de Herodes, o grande, sua genealogia, o vilarejo em que nascera, sua profissão, o número de filhos e a idade de cada um, honrando o pagamento, uma ovelha. A criança que a esposa esperava deixou de ser arrolada, o que era rotina imperante, pois os neonatos somente seriam tributados quando perfeitos.<sup>[55]</sup>

1/646 Por aspirar retornar no alvorecer vindouro, apreensivo que os que no lugarejo aportavam, pois era o último dia do registro, fizessem o mesmo, logo após ter sido recenseado, providenciou a troca de seus animais.<sup>[56]</sup>

1/647 Depois de cumprir com o ordenado, direcionou-se para a residência de Simeão José, colocando-o a par da iminente presença do anelado salvador e dos demais acontecimentos. A notícia não causou nenhum pismo. Explanou o primogênito de Sara que fora informado do fato durante o descanso noturno, quando uma voz lhe patenteara:

1/648 - “Digo que o prometido pelos profetas virá na tua família. Será ele da

---

[53] A despeito de Baltazar muito querer mimosear o prometido, jamais o divisou, morrendo sem realizar seu intento.

[54] Por ocasião do censo, a região que compreendia Belém, Betânia, Emaús e Jerusalém possuía aproximadamente quatro mil habitantes.

[55] Os neonatos defeituosos, quando não assassinados, eram abandonados em qualquer local, pois acreditavam os da época que os aleijões fossem a cobrança do Senhor pelas faltas dos seus antepassados. Para não ser apontado como integrante de família de pecador, os embrutecidos protetores, com raríssima exceção, findavam o iniciante estágio de aprendizado do indefeso sepultando-o ainda vivo, jogando-o nas fogueiras ou dentro dos poços para que parecesse acidente. Os menos endurecidos os depositavam defronte aos casebres das classificadas como prostitutas ou pelas ermas sendas; se com condições, em cestos presos a bestas velhas que seguiam a esmo. Independente da hipótese, as chances de sobrevivência dos desprezados era insignificamente pequena.

O varão, que se considerava primoroso, ao descobrir a imperfeição do rebento, culpava, invariavelmente, a esposa, incapaz de gerar um ser sem deformidade, além de se revoltar com seus ancestrais, eles sim viciosos, que, no presente, originava-lhe o insuportável mal.

Os bebês que aparentavam ser fisicamente normais, mas eram cegos, ou mudos, ou surdos, ou débeis mentais, não encontravam a mesma sorte; contudo, quando maiores, eram utilizados como pedintes ou enxotados sem piedade. Muitos deles, acolhidos pelas adúlteras, engrossavam o contingente dos que vendiam seus corpos.

[56] Era prática dos comerciantes de asnos efetuarem a troca dos animais extenuados por outros descansados e alimentados, recebendo pela labuta e comida.

proteção de José e o irás ajudar no trazer o caminho que libertará todos os povos da ignorância da existência de Deus.”

1/649 O herdeiro de Jacó sentiu-se mal com o proferido, pois os que da revelação se cientificavam, aceitavam-na integralmente, e da primeira vez. Ele, arrogante e egoísta, não entendia por que o Senhor lhe dera enorme bênção; no entanto, desempenharia da melhor maneira possível o papel de pai.

1/650 Simeão José propôs a quem considerava mais que genitor, que em sua moradia dormisse, porém o padraсто, conhecendo a nora e não pretendendo incomodá-la, declinou do convite, pois se instalaria em uma hospedaria.

1/651 Após a saída do sogro, Rebeca, que de longe o espreitava, perguntou ao cônjuge sobre o que confabularam, sendo posicionada, sem detalhes específicos, da boa nova. Ela, orgulhosa e por não se apetecer com a companhia dos aparentados do marido sob o mesmo teto, nada mais indagou, certa de que os indesejados em alguma pousada haviam se alojados.

1/652 Procurou José por uma estalagem. Na totalidade das que buscou por uma cama para pernoitar, não foi exitoso, pois estavam lotadas. Observando o belo luar, que o incentivava a se locomover, por ter efetuado a permuta dos que lhe transportavam a carga, analisou a poupança que faria caso nada gastasse com eles no cercado para albergá-los, podendo utilizar as moedas na aquisição de madeira e, também por almejar chegar a tempo de presenciar o nascimento do aguardado redentor, encetou a marcha até Nazaré pela mesma estrada que viera. Não noticiou sua decisão a absolutamente ninguém. Quando partiu, vislumbrou o firmamento e constatou que Júpiter, como denominamos, flamejava como nunca cintilara.

1/653 Ao volver pelo deserto, economizou metade dos vinte dias que demoraria pelo caminho normal. Todavia, sujeitou-se ao perigo de encontrar salteadores, o que lhe teria sido letal. Mesmo profundo conhecedor das veredas, rendeu-se ao risco das tempestades de areia apagar as marcas que o norteavam. A cada dez pessoas que tentavam a jornada, no máximo duas conseguiam.

1/654 O trajeto foi vencido sem sobressalto. Ao aportar em Nazaré, verificou movimentação anômala entre o seu e o lar de Mateus. Apropinquou-se ansioso, imaginando ter a parturição do filho de Maria ocorrido; entrementes, para sua prazerosa surpresa, viu o tio pulando como uma cabra, pois descobrira que Ana, mesmo com as colheitas que possuía, engravidara.

## 1-11

1/655 Na manhã posterior à visita do unigênito de Jacó ao enteado, Rebeca, ávida para distribuir o informe recebido, com as lembranças do julgamento da

caçula de Joaquim na mente, avisou Simeão José, o qual ficou espantado com o inusitado proceder, que com o auxílio da empregada, baldearia água para a residência. Enquanto a assalariada, inteirada do cativante assunto, dirigia-se ao poço para alastrar a novidade, a patroa o mesmo fez na choça de Raquel, sua amiga e confidente.

1/656 Por ser imensurável, no reprimido povo, a vontade de que o relato do fato se concretizasse, o anúncio se espalhou com ligeireza impressionante. De boca em boca, no transcurso de 13 e 14 de Março de 10 a.C., a incipiente nota se transformou em plena certeza, atingindo os demais que na circunvizinhança viviam, inclusive ao cruel soberano, que ordenou a imediata detenção de quem asseveravam ser o prometido aos profetas hebreus.

1/657 Próximo ao almoço de 15 de Março, os asselvajados comandados do temido Mamom iniciaram a procura pelo neonato e pelos seus pais, que sabiam ser José e Maria, pelas estalagens. Por a prenhez, então, estender-se até o término do sangramento, em torno de quarenta dias após o advento do rebento, acataram que os caçados não voltaram prontamente ao vilarejo de origem. Também por ser do costume que a esposa permanentemente estivesse junto do marido, jamais supuseram hipótese contrária.

1/658 As hospedarias foram inspecionadas. Em três delas, ao questionarem se algum José estaria acomodado, lograram posicionamento negativo; contudo, os declarantes recordavam-se que um especulava por abrigo. Como não havia vagas, seguiu em busca de outra. Em dois dos três estabelecimentos, ao inquirirem se o varão se fazia acompanhar de uma mulher que ganharia bebê, obtiveram resposta positiva.

1/659 Não divisando nenhum José com os predicados lhes comunicados, os soldados, cômicos do mais recente boato irrompido, de que um rei nascera em uma manjedoura, sinal, para os subjugados, mais que evidente de que o monarca era deles, não dos Herodes, e seu arrimo denominava-se José, direcionaram as investigações para a localização da estrebaria, alcançando sucesso no final da tarde. Nela, interrogaram sua moradora sobre o antropônimo da gestante.

1/660 - “Ouvi seu companheiro chamar ela de Maria”, noticiou a assustada Madalena, acrescentando que, na noite precedente, um menino no alegre ambiente viera ao mundo; porém, seus genitores partiram no alvorecer.

1/661 Complementou, ainda, que, logo depois do parto, onde os animais se alimentavam fora convertido em grosseiro berço, forrado com apenas um manto e nele o nenê ficou instalado.

1/662 Acreditando estarem no certo rasto dos fugitivos, rapidamente estatuíram que os caminhos fossem fechados objetivando encerrar os três. Apesar das providências implementadas por Herodes, o grande, e seus côm-

plices, as diligências se mostraram infrutíferas. Como o execrado dominador, mesmo velho, não podia suportar que um superior a ele surgira, reiterou que, a qualquer custo, matassem o intruso.

1/663 Para que a ordem fosse cumprida, procuraram por José, por sua cônjuge e descendente até nas antigas terras de Jacó, na erma Hiatta.

1/664 Os conquistados e deveras cerceados que nos arredores de Belém viam, bem como os que, atraídos pelo inebriante evento, aportaram na região, qualificavam a criança como sendo o redentor e queriam estar na sua presença. Eles e os comandados do déspota governante, durante doze luas, buscaram-na sem resultado.

## 1-12

1/665 O censo durou uma semana. No último dia, 12 de Março de 10 a.C., o planeta Júpiter, o fulguroso corpo celeste, pelos eruditos da época batizado Estrela da Manhã e pelos hebreus, que esperavam o prometido apregoado, Estrela de Belém, exibiu-se com magnífico esplendor, rasgando o céu, como foi glosado, que era excentricidade não o observar.

1/666 Ante auspicioso fato e inequívoca prova, muitos dos residentes em Belém, convencidos da chegada do aspirado libertador, propagandearam que o astro luzira mais sobejamente sobre o vilarejo.

1/667 Para a contida população que habitava a área que abrangia Jerusalém, Emaús, Betânia e Belém, os demais acontecimentos somente concretizaram a convicção do advento do divino mensageiro, e foram interpretados de acordo com o que aceitavam ser verdadeiro. Manifestação mais que patente da disposição coletiva sucedeu em 14 de Março, por ocasião da entrada em Belém, provenientes de Jerusalém, de Tígrane, Flávius e Heros, três dos sábios do odiado Mamom, quando os comentários foram de que importantíssimas autoridades do estrangeiro vieram obsequiar o anelado servador, não obstante ignorarem onde contemplá-lo.

1/668 A cada atitude que o títere tomava com o intuito de se apossar do neonato, mais solidificada ficava a certeza nos oprimidos de que o Senhor quitara a promessa que efetuara aos dignos vaticinadores de outrora.

1/669 Imediatamente inteirado das notícias trazidas por seus letrados conselheiros, de que a tetarquia realmente recebera uma excepcional personalidade, e como essa não estava entre os possuidores de riqueza material, Herodes, o grande, perguntou-se e aos colocutores em relação ao seu paradeiro, aventando, sarcasticamente, a hipótese de que ela seria filho do deus dos indi-

gentes que regia. Conhecedor do incoercível burburinho que circulava entre os subjugados, prosseguindo com os áulicos, explanou que, se houvesse mesmo nascido a imbatível figura, o parto ocorrera junto aos de poder. Flávius, ousadamente, alertou-o da possibilidade de ter ela vindo na miséria em outro lugarejo e sido transportada para Belém. Demonstrando anormal ira, o tirano foi taxativo:

1/670 - “Essa cria tem que ser encontrada.”

1/671 Como o difundido pelos da plebe era que o rebento viera à Terra através de uma pura, supôs que não teria seus comandados dificuldade em prendê-la, pois, indiscutivelmente, era ela doente da cabeça. As determinações que expediu deixaram claro para que esquadrinhassem os mais recônditos ambientes objetivando localizar por uma hebreia comum que parira quando do aparecimento da Estrela da Manhã. Entretanto, seus assalariados demandavam por uma varoa com os olhos tão límpidos quanto sua alma, que conversava com o deus dos dominados, pois era sua esposa.

1/672 Capturar a criança, no entender do apelidado Mamom, mostrava-se crucial, pois acabaria com circunscrito boato. Caso contrário, os do povo se rebelariam, dado que, bastava um novo agitador para logo se insubordinarem, o que não permitiria.

1/673 As estalagens existentes foram revistadas, pois a mulher deveria estar de repouso. Exaustivamente diligenciaram, mas unicamente com mais murmúrios depararam. Ordenada, então, foi a caçada sem tréguas por quem Tígrane qualificou de super-rei.

1/674 Os usurpados ficaram ensandecidos de alegria com a irreprimível persuasão de que o almejado libertador chegara, que se confirmava em virtude das buscas desenfreadas pela incógnita genitora. Muitos se questionavam:

1/675 - “Se não fosse o prometido aos profetas, por que estariam a procurar por ele?”

1/676 Queriam saber em qual família viera ao mundo e o divulgado por Raquel, de que fora na do carpinteiro José, promoveu dilatada polêmica.

1/677 Os opositores da tese sustentavam que a assertiva era o reverso da razão, porque o aguardado redentor não aportaria junto de um cheio de transgressões: o artesão se unira a Sara, tivera três filhos e desgraçara a vivência da cunhada, além de não temer ao Senhor.<sup>[57]</sup> Porém, como era protegido do honrado Jacó, conjecturaram de que pudesse haver um aparentado seu que fosse

---

[57] Porque percorrera os caminhos com Judá.

fiel a Deus e que praticasse os rituais emanados pelos do Templo do Monte.<sup>[58]</sup> Acolheram que, como Simeão José não se chamava José Bem Jacó, teria José outros descendentes, ou um irmão.<sup>[59]</sup>

1/678 Mas onde estariam?

1/679 O primogênito de Sara, por inúmeras vezes interrogado sobre o assunto sem que se preocupassem com a discrição, voltou sua atenção para o que ingenuamente glosara com a cônjuge. Essa, certamente, transmitira a informação à amiga íntima. Côncio da reputação de Raquel, acreditou que fora ela quem espalhara a auspiciosa notícia, o que comprometeria a segurança não somente do querido padrasto. Precavidamente, algum tempo depois, enviou, por intermédio de um de seus empregados, Eros, recursos financeiros para que o considerado genitor os utilizasse se necessário.

1/680 Os extasiados hebreus da região, por não descobrirem nenhum outro da linhagem de José, admitiram que a ação de Maria contivera veracidade, pois ela garantira, até mesmo quando dentro do buraco, prestes a ser supliciada, que era a mãe do protegido de Deus, e que o legatário de Jacó também procedera com sinceridade quando afiançara estar a caçula de Joaquim esperando um bebê.

1/681 Muitos aceitaram a história como incontestável, propagando-a ainda mais. Sentenciavam que Maria não era igual às demais moças, pois demonstrara nunca ter crescido, que sempre agira como criança. Outros, no entanto, alastravam ser inexequível, visto que a pecadora se aproveitara da dor do exemplar varão para arrumar um companheiro. Se realmente o fosse, ele aquiesceria de bom grado em cuidar dela, o que não fizera, deixando-a sozinha.

1/682 Todavia, os que conheceram o casal ignoravam seu paradeiro. Ela sumira após o julgamento, o que causou alívio e não interesse pelo seu destino aos de Belém, que a caracterizaram adúltera, e José desvaneceu-se logo depois.

1/683 Os debates se acirraram sobre a autenticidade das palavras de Maria, principalmente, porque era unânime o entendimento de que o aspirado prometido nascera e estava em Belém.

1/684 Diversas verdades brotaram: que o libertador reinaria a partir do vilarejo, transfigurando-o por completo; que exterminaria com os Herodes e ninguém o faria calar; que o Senhor lhe daria exércitos fortemente armados e, por onde andasse, atentariam apenas para o sangue dos soberanos chacinados e de seus comandados.

---

[58] Desde que descobrira ser **protegido do honrado Jacó**, José não se cansava de espalhar sua ascendência.

[59] Por não frequentar o Templo, Simeão José igualmente não era classificado como temente ao Senhor. Outrossim, pela lógica prevalecte, ele assumiria e, com certeza, o antropônimo do avó, muitíssimo respeitado, e não o do pai, um rebelde. Simplesmente por não se denominar Jacó, acreditaram que José teria um irmão, e esse se intimidava com o Senhor.

1/685 Com a difusão dos comentários, incontáveis hebreus saíram à procura dos da estirpe do redentor, e espertalhões passaram como seus pais no intuito de receber os afagos. Subjugados de variados lugarejos ingressavam em Belém para mimosear o chegado na luminosa Estela. Alguns dos que na cidade aportaram na esperança de o localizar acabaram se fixando nos arredores.

1/686 Dentre os abundantes enredos que circularam, e os do reprimido povo que vivenciavam a situação afirmavam serem genuínos, um arregimentou a muitos: a possibilidade de o salvador ser o próprio Senhor. Perguntavam-se como ele viria uma simples cria, integrante dos oprimidos, que não tinham sequer o direito de aprender a identificar e marcar as letras? Não poderia ser um pequeno, pois demoraria em demasia para que fossem alforriados do jugo de Mamom. Em contraposição, inquiriam-se, insistentemente, do por que o cruel monarca continuava os esforços para se defrontar com o herdeiro de um José.

1/687 Mas qual, se o antropônimo era trivial?

1/688 Raquel nada inventava, somente divulgava o que via e escutava e ela abonara que o protegido do Senhor viria de um aparentado de Simeão José. Consequentemente, o que Maria testificara quando de sua quase lapidação era fidedigno. Essa foi a versão sedimentada. Tornou-se ainda mais legítima quando Július, respeitado como um profeta e qualificado sábio, garantiu que o, então, célebre carpinteiro descendia de Davi.<sup>[60]</sup> O que era válido para muitos, converteu-se na mais cristalina lidimidade para praticamente a totalidade da população da região.

1/689 Do aparecimento da Estrela de Belém até que se solidificasse nas mentes dos implicados o sentimento de que fora na família do unigênito de Jacó que originara o prometido, decorreram oito meses.

1/690 Entre incontáveis boatos que floresciam e inundaram Belém, os embrutecidos comandados do perverso déspota ininterruptamente buscaram pelo anelado servador; contudo, nada encontraram, a não ser mais histórias narradas pelos dominados com tamanha confiança que se transformavam, também, em incondicional certeza para os caçadores, incultos tanto quanto.

## 1-13

1/691 Herodes, o grande, cujo império territorial abrangia as províncias da Judeia, da Pereia, da Samaria e da Galileia, supersticioso ao extremo, possuía

---

[60] Július, nascido Arramed, adotara nome romano para não ser perseguido.

sempre junto de si um expert sobre o firmamento e as estelas. O que esse opinava, seguia à risca, porque, como acreditava, tinha seu proficiente vaticinador convicção do que sucederia. Quando objetivava se deslocar para algum vilarejo, ter filhos que fossem do sexo masculino ou tomar qualquer decisão de monta, a seu brioso conselheiro arguia, incorporando em sua rotina, com exemplar afinco, as palavras proferidas; no entanto, quando o desditoso enganava-se, era sumariamente assassinado.

1/692 Os que prognosticavam tinham a constelação de Carneiro como fonte de seus estudos e conclusões.<sup>[61]</sup> Ela os inspirava, em especial, nas previsões concernentes ao nascimento dos que se habilitariam a autoridade suprema e incontestável e o decesso dos que a exerciam. Para os ilustrados homens, quando a Estrela da Manhã surgisse em Áries, era sinal de que um soberano de vastíssimo poder, um conquistador, aportaria entre eles. Outrossim, se algum morresse quando ela fosse observada, conservar-se-ia vivo e regressaria com mais glória, como a um deus. Entrementes, se a Estrela da Vida, Saturno na atual terminologia, igualmente estivesse em Carneiro, enfileirada à Estrela de Belém, ele seria inteligentíssimo e de longa vivência. Ainda, se o Sol fosse avistado na mesma imaginária reta, denotava que os seus dias seriam claros, luminosos e de copiosa felicidade. Para findar, se a Lua ostentava-se também em Áries, alinhada ao astro rei, à Estrela da Vida e a Júpiter, traria, no entender desses eruditos, enorme fartura e riqueza.

1/693 O advento da Estrela da Manhã, para tais letrados, em Carneiro e junto do astro noturno, tinha duas interpretações. Permanecendo adjacentes e na aurora o satélite terrestre simplesmente desvanecesse, continuando visível a Estrela de Belém, era prova da chegada física a este orbe ou órbita de um monarca ou de um de sua estirpe. Porém, se por volta das quatro e meia até as cinco e cinquenta horas, a Lua encobrisse Júpiter e depois, mostrasse-o outra vez, para somente então desaparecer, era inequívoco o parto de um imbatível personagem.

1/694 Em 12 de Março de 10 a.C., o destaque dentre os seis sapientíssimos que trabalhavam para Herodes, o grande, Tígrane, cognominado o Sábio, verificou que a Estrela da Manhã estava em Áries; viu, além do mais, Saturno inserido na constelação a trinta e cinco graus. Na noite ulterior, constatou que da mesma forma o astro noturno entrara em Carneiro e, no alvorecer, exatamente às quatro e quarenta e cinco horas, conjecturou eventos maravilhosos, pois ele, ao ofuscar-se novamente, revelou a Estrela de Belém, o que pressagiava fatos extraordinários.<sup>[62]</sup>

[61] **Constelação de Carneiro**, porque, olhando para o firmamento, via-se um conjunto de estelas que formavam a figura do manso animal.

[62] Ao ocultar-se, a Lua descortinou Júpiter, visto que, observada sua trajetória, do surgimento ao ocaso, encobriu a luminosa Estrela de Belém e depois, mostrou-a novamente, dado que está mais perto de nós do que o colossal planeta.

1/695 Consciente da inexistência do nascimento de algum nobre, conhecedor do que propagaram os antepassados do povo hebreu, comentou com Flávio, um de seus aprendizes, ser prenúncio de inolvidáveis acontecimentos, pois tinha absoluta fé de que o Sol igualmente estava na constelação de Áries, pois a eminente figura que desabrocharia viria com a plenitude da luz do mundo.

1/696 Ficou a observar a aproximação de Júpiter, da Estrela da Vida e da Lua, acompanhando o fenômeno com vivaz interesse, até o renque se constituir, em 17 de Abril de 10 a.C.. Enquanto espreitava o céu, familiarizado com a história dos dominados, mais atentou a ela, aceitando que episódio incomum ocorreria.

1/697 O uranógrafo não tinha condições de confirmar seu convencimento de que o astro rei, o satélite natural da Terra, Saturno e a Estrela da Manhã estavam na mesma direção, o que foi verdadeiro quando do raiair do prometido.

1/698 O flagrado por Tígrane, por ser corriqueiro, importância menor foi ofertada ao assunto pelos modernos pesquisadores do firmamento, mas, para os de priscos tempos, que tinham suas vivências regidas pela posição dos corpos celestes, quando as fulgurantes estelas, a Lua e o Sol interseriam-se na constelação de Carneiro, era fator de extremada relevância. O sucedido foi de plural significação, chamariz de atenção impensável para nós, hodiernos estagiários deste orbe criado pelo nosso Pai.

### Capítulo 1

1-1 Joaquim, Ana, Sara, Maria, Azam e José:

- "Rei" Davi;

1-2 Jacó, o benfeitor;

1-3 José se estabelece em Nazaré:

- Mateus, o carpinteiro;

- A ascendência e a primeira união de José;

- O retorno de José para Belém juntamente com Sara e Azam;

- De Azam para Simeão José;

1-4 A divisão da tetrarquia de Herodes, o grande:

- A Lei das Viúvas;

1-4.1 Cérulis, a principal cidade da Galileia;

### 1-5 Zacarias e Zaqueu:

- Atabam, o saqueador;
- Izabel;
- Zacarias e o irmão no Templo do Monte;

### 1-6 O passamento de Joaquim e de Sara:

- Os iniciais filhos de José;
- 1-6.1 O rebelde José lutando em Jerusalém;
- O novo viver do enviuvado José;

### 1-7 *Sua* concepção:

- O não reconhecimento, por parte de José, da paternidade;
- A solução de José para a por ele indesejada prenhez de Maria;
- 1-7.1 A divulgação por Maria, em plena praça do mercado, de *sua* chegada;
- O aviso a Maria do legítimo mensageiro de Deus;

### 1-8 A prisão e o julgamento de Maria:

- Maria em Veneram com Izabel;
- 1-8.1 Ana, Mateus e José regressam para Nazaré;

### 1-9 O advento de João, *seu* precursor:

- O anúncio a José e a volta de Maria ao vilarejo natal;

### 1-10 O censo dos hebreus:

- Baltazar;
- A confiança a Simeão José sobre *seu* surgimento;

### 1-11 A notícia de *sua* vinda invade Belém;

### 1-12 Os boatos quando do aparecimento da esplandecente Estrela de Belém;

### 1-13 A previsão da entrada em cena de um super-monarca.



Mar Mediterrâneo

Cessareia de cima

"Mar" da Galileia

Sêforis

Nazaré

Cessareia de baixo

Veneram

Jope

Emaús

Jerusalém

Betânia

Belém

Hiatta

"Mar" Morto

